AVISO AOS LEITORES E NAVEGANTES LUIZ GONZAGA BELLUZZO E MINO CARTA JÁ GARANTEM O APOIO À CANDIDATURA DE LULA NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

EUROPA O SUPER MARIO DRAGHI, APÓS DIRIGIR BRILHANTEMENTE O BC EUROPEU, ASSUME O COMANDO DO GOVERNO ITALIANO E LOGO EXIBE A DIMENSÃO DE ESTADISTA, A BEM DO SEU PAÍS E DO CONTINENTE

CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora

A ÚLTIMA CHANTAGEM

NA BUSCA DESESPERADA POR APOIO, BOLSONARO AGRADA A POLICIAIS FEDERAIS, MILITARES, DIPLOMATAS E CENTRÃO, ENQUANTO A DESTRUIÇÃO DO PAÍS SEGUE FIRME

ANO XXVII Nº 1190 R$ 19,90
12 DE JANEIRO DE 2022

CartaCapital

12 DE JANEIRO DE 2022 • ANO XXVII • Nº 1190

Na China, a testagem em massa faz parte do plano para erradicar a Covid. Pág. 48

6 MINO CARTA
8 A SEMANA

Seu País

26 POBREZA Em 2020, apenas estados do Norte e Nordeste conseguiram deter o avanço da miséria

30 ELEIÇÕES Da esquerda à direita, as federações partidárias patinam

34 ENTREVISTA Wellington Dias avalia o desempenho do Nordeste na pandemia e na corrida presidencial

36 2022 Há mais diferenças do que semelhanças entre a disputa chilena do ano passado e a eleição no Brasil

38 OPINIÃO Juiz parcial, ministro medíocre, mau advogado, homem público canhestro... O que mais esperar de Sergio Moro?

Economia

40 INVESTIMENTOS Diante das incertezas econômicas e da expectativa eleitoral, a renda fixa vai dominar as opções em 2022

44 CAPITAL S/A

Nosso Mundo

46 PROTAGONISTA O *premier* Mario Draghi recoloca a Itália nos trilhos

48 CHINA Os sacrifícios impostos à população por Pequim para levar a cabo a política de Covid zero

52 EUA Eric Adams, segundo negro a governar a cidade, quer restaurar a energia de Nova York

10 O REI DA MAMATA
PARA AGRADAR A AMIGOS E ALIADOS EM ANO ELEITORAL, JAIR BOLSONARO ABRE O COFRE E DISTRIBUI BENESSES

Plural

54 O NARCISISMO DO APOCALIPSE
O FILME *NÃO OLHE PARA CIMA* EVIDENCIA O QUANTO A INDÚSTRIA CULTURAL EXACERBA O EGO DOS RESSENTIDOS E FRACASSADOS

56 CINEMA Um perfil do cineasta japonês Ryusuke Hamaguchi 58 MÚSICA O tributo de Monica Salmaso 60 LIVRO O que é ser antissistema? 63 RESENHA O mundo de Woody Allen 64 AFONSINHO 65 SAÚDE *Por Arthur Chioro* 66 CHARGE *Por Venes Caitano*

NETFLIX BRASIL E FENG KAIHUA/XINHUA/AFP

Capa: Pilar Velloso.
Foto: Evaristo Sá/AFP

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Ana Flávia Gussen, Cleide Sanchez Rodriguez, Fabíola Mendonça (Recife) e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano
SECRETÁRIA: Ingrid Sabino

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VÍDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Caio César, Camila da Silva e Natane Pedroso
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Keisy Andrade
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: Lindberg Lima
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

A HISTÓRIA DO RELÓGIO MÁGICO

Mino Carta é orgulho do bom jornalismo.
Carlos Roberto de Lima

CRÔNICAS DE MINO CARTA

Revendo uma pasta antiga de recortes de reportagens e crônicas de jornais e revistas, pensamentos e anotações diversas, encontrei dois de autoria de Mino Carta publicados no *Correio Braziliense*, em 16 de novembro de 1997, sob o título "Onde estão os patriotas", e, em 14 de fevereiro de 1999, "O otimismo e o milagre". Neste último, é feita uma comparação entre o Brasil e a Coreia do Sul: os rumos trilhados pelos coreanos para sair da crise, as reações de estudantes e trabalhadores em confronto com a polícia. Onde há povos que sabem protestar, os governos têm de levar em conta seus interesses e demandas, palavras suas com as quais concordo plenamente. Fala ainda sobre a falta de estímulo, neste nosso país, ao debate para esclarecimento e formação de uma opinião pública que favoreçam a consolidação da democracia. Passados 22 anos e dez meses, continuamos os mesmos. A população sem reagir, os donos do poder e a mídia com os mesmos princípios daquele tempo. A nossa frágil democracia treme sempre que um militar "arrota" grosso. Tudo permanece como naquele tempo. O Brasil merecia melhor destino.
Paulo Moraes de Cerqueira Lima

TRAVESSIA PARA O FUTURO

As elites do atraso, desde o descobrimento, não querem que os pobres tenham vez na sociedade.
Mosquim João

Tudo que começa errado dá errado. Não respeitaram a democracia nem a Constituição, deram golpe em uma presidenta honesta e depois um monte de raposas tomou o poder.
Marcos Gatti

DISTÂNCIA SEGURA DE BOLSONARO

Bolsonaro é o maior mico político da história do Brasil.
Fabrício Reis

Isolamento social estratégico.
Rosângela Carmo

DO QUE VI E VIVI NO RIO DE JANEIRO

Uma história fenomenal, a revelar com sobriedade a vida em uma favela do Rio.
Adelmar Rocha

Jornalista talentoso. Adorei o texto.
Maria Edilma Barral

BRASIL EM ALERTA POR CONTA DA ÔMICRON, GRIPE E DENGUE

Combo fim do mundo: gripe, dengue, Ômicron, eleições...
Carlos Evangelista

INTERNAÇÃO DE BOLSONARO

Desejo-lhe muita saúde para poder cumprir muitos anos de prisão e responder por todas as mortes por Covid que poderiam ter sido evitadas.
Márcia Celles

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

Mino Carta

Antídoto infalível

Somente Lula livra o Brasil de Bolsonaro e do bolsonarismo

Meu parceiro de aventura nesta publicação, Luiz Gonzaga Belluzzo, no meu primeiro livro, *O Castelo de Âmbar*, presente como Professor Verdone por causa da sua paixão palmeirense, mais uma vez partilha comigo a visão do Brasil nesta circunstância bolsonarista. De forma escorreita, automática, natural, eu diria, chegamos à conclusão de que temos de encarar o País pragmaticamente, sem ceder a sonhos democráticos de imediato impossíveis. Bolsonaro resulta de um turvo período marcado por uma sequência de golpes para nos impor o governo da demência.

Neste nosso empenho para enfrentar a prioridade de nos livrarmos o mais rapidamente possível de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo percebemos que nada, absolutamente nada, substitui Lula como antídoto a esta crise de raiva e loucura, claramente destinada à destruição do País. Não há como evadir dos compromissos marcados pelo calendário golpista, de sorte a apontar no ex-presidente a única saída possível, embora obrigados a esperar ainda nove meses. O ex-presidente sempre foi o candidato de *CartaCapital* e, desta feita, apraz a Belluzzo e a mim confirmar esta benfazeja tradição de apoio com o sentido de SOS lançado em meio à tempestade, mas de efeito seguro.

Anima-nos a percepção de que Lula se dispõe a uma tarefa renovada como se tivesse percebido mais profundamente os grandes problemas do País: o desequilíbrio social monstruoso a nos tornar o país mais desigual do mundo e a inércia de um povo que ainda não se fez nação e não foi ensinado a se dar conta dos vexames sofridos. Contamos, Belluzzo e eu, com a anuência de quem realizou o milagre de manter *CartaCapital* de pé, ou seja, Manuela Carta, secundada por Mara Lúcia da Silva, minha valente e polivalente secretária há 40 anos.

Cabe aqui uma referência importante ao crescimento da influência que debaixo de Bolsonaro foi granjeada à corporação fardada, cada vez mais ignorante, primitiva e incompetente. O general Eduardo Pazuello e a expressão alvar do vice-presidente Hamilton Mourão são bons exemplos desta desagradável situação.

Certo é que, neste panorama, a exibir tristemente um Brasil destruído, a tarefa de Lula se afigura bem mais imponente do que aquela da sua primeira vitória nas urnas, em 2002. Era o tempo em que eu pregava sangue na calçada para resolver os problemas do País. Ele me disse: "Calma, até vou enfiar a casa-grande nos meus discursos, mas com todo o cuidado, porque a casa-grande existe e tem de ser tomada como ela é". Recomendou-me também cultivar a esperança e eu perguntei aos meus botões por que haveria de atender àquele pedido. Esperança no que viria, e veio um primeiro mandato cauteloso, mas de excelentes resultados.

Agora, Lula volta a sugerir esperança e desta vez não me custa entender o sentido da sua solicitação. Neste exato instante, Lula representa a única esperança para afastar de vez Bolsonaro e seu bolsonarismo, o governo da demência e da destruição sistemática do País inteiro, do Oiapoque ao Chuí. E aquela antiga recomendação a favor da esperança ganha um sentido e uma amplidão nunca dantes navegados.

Belluzzo e eu, no entanto, alimentamos muito mais que uma esperança. De fato, trata-se de uma indestrutível certeza de um retorno ao passado com a visão mais apurada, mais exata dos problemas do Brasil. Não somos viajantes da ilusão, os fiéis de uma religião quimérica, os prisioneiros de uma crença tão inútil quanto falida de antemão. Ao apoiar Lula cogitamos de nós mesmos, cidadãos honrados de um país em busca de redenção.

> *CartaCapital* apoia incondicionalmente **a candidatura de Lula nas próximas eleições, lamenta apenas que tenhamos de esperar por nove meses**

Daí o retorno de *CartaCapital* à tradição do apoio irrestrito, incondicional ao único obstáculo surgido no caminho demente do ex-capitão transformado em presidente da República nesta nossa floresta de infinitos enganos. Nos 20 anos que separam a primeira eleição de Lula, o mundo inteiro mudou muito, em certos casos radicalmente, e o próprio ex-presidente tem viajado mundo afora com o evidente objetivo de avaliar a profundidade das transformações. Nestas viagens, faz questão de ser acompanhado por aquele que foi seu ex-chanceler, Celso Amorim. Este é um nome que já brilha imperiosamente na perspectiva do futuro. •

O ex-presidente e seu ex-chanceler Celso Amorim repetem em Paris uma antiga parceria

A Semana

Facada reciclada

Nas férias, Bolsonaro dançou ao som de MC Reaça, desfilou com *jet ski* e se aventurou em carros de corrida. No primeiro dia útil do ano, internou-se em um hospital para tratar uma obstrução intestinal. "Sequela da facada", disse, ao justificar a ausência no batente. De súbito, o bronzeado ex-capitão empalideceu nas fotos. De cama e com uma sonda nasogástrica, nem parecia o mesmo homem da farra no *Réveillon*. O figurino vem a calhar. Em queda nas pesquisas, Bolsonaro faz de tudo para resgatar a memória do atentado de 2018. Duas investigações da PF concluíram que Adélio Bispo, acometido por transtornos mentais, agiu por conta própria. Mas o presidente deu um jeito de despachar o delegado responsável pelo caso para uma missão nos EUA e arrumar um substituto para manter a suspeita no ar.

Em São Paulo, até seis horas de espera no pronto-socorro

Covid-19/ Surto de incertezas

Mais contagiosa e bem menos agressiva, a variante Ômicron acena para o fim da pandemia ou para uma nova tormenta?

As sinalizações pareciam promissoras. Embora a variante Ômicron seja mais contagiosa do que qualquer uma das versões que a precederam, ela tem provocado quadros mais leves de Covid-19, o que, na avaliação de um crescente número de especialistas, pode indicar uma tendência de a doença se tornar endêmica, cada vez mais frequente na vida das pessoas, mas sem resultar em morte ou em sequelas graves para os pacientes. Dessa forma, a mutação poderia representar o começo do fim da pandemia. Isto é, a doença continuaria a existir, mas sem pressionar os sistemas de saúde.

O enrosco é que a transmissão do Coronavírus nunca esteve tão alta. Pela primeira vez, desde o início da pandemia, os EUA registraram mais de 1 milhão de casos de Covid em um único dia, na segunda-feira 3. Em uma semana, o número de infecções confirmadas dobrou em todo o mundo, a maior parte delas provocada pela Ômicron. Não por acaso, há quem veja no fenômeno uma nova ameaça. Como observa o epidemiologista Pedro Halal, a variante pode ser menos letal, mas um número reduzido de infectados certamente terá complicações. Ao cabo, a menor agressividade da variante pode acabar compensada pelo gigantesco aumento do número de casos.

Outro foco de apreensão é a "Flurona", nome dado ao contágio simultâneo por Coronavírus e Influenza. Até a terça-feira 4, o estado de São Paulo havia registrado mais de uma centena de casos de dupla infecção. Na capital paulista, a espera em unidades de pronto-atendimento chega a ser superior a seis horas, em decorrência da epidemia de gripe e do súbito aumento de casos de Covid. Em Belo Horizonte, os leitos públicos de enfermaria esgotaram-se em decorrência da explosão de doenças respiratórias em pleno verão. Nesse contexto, afrouxar as medidas de prevenção pode ser tão arriscado quanto brincar de roleta-russa.

EUA/ Uma mentira bilionária

Elizabeth Holmes, da Theranos, é condenada por fraude e conspiração

Estrela do Vale do Silício, Elizabeth Holmes, fundadora da empresa de biotecnologia Theranos, foi considerada culpada em três acusações de fraude e uma de conspiração para lesar investidores por um tribunal da Califórnia na segunda-feira 3. Ela prometia revolucionar a indústria de diagnósticos com máquinas que poderiam entregar resultados rápidos de exames com apenas algumas gotas de sangue e a preços inferiores aos cobrados pelos laboratórios convencionais. Com a falsa promessa atraiu grandes investidores e tornou-se bilionária aos 30 anos.

A farsa veio à tona após o *The Wall Street Journal* revelar que o dispositivo não era eficaz como ela alegava. No banco dos réus, Holmes admitiu ter manipulado documentos com a inserção de logotipos de indústrias farmacêuticas e que sua máquina só podia realizar 12 tipos de testes, apesar de ela ter propagandeado que fazia mais de 200. A executiva, que chegou a ser comparada a Steve Jobs, o revolucionário criador da Apple, aguarda o anúncio da sentença, que pode chegar a 20 anos para cada uma das quatro acusações pelas quais ela foi considerada culpada.

Holmes admitiu ter manipulado documentos

Retaliação comercial

Parlamentares dos EUA, Reino Unido e União Europeia divulgaram um comunicado, na terça-feira 4, no qual pedem que seus governos investiguem a companhia brasileira JBS por suas práticas comerciais e possível relação com o desmatamento da Amazônia. Bob Menendez, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EUA, Ian Liddell-Grainger, integrante do Parlamento Britânico, e Norbert Lins, eurodeputado e presidente da Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Parlamento Europeu, acusam a empresa de se beneficiar do desmatamento ilegal da floresta e adotar práticas desleais no mercado.

Israel/ DIREITO À GESTAÇÃO

O PAÍS PERMITE QUE CASAIS HOMOAFETIVOS CONTRATEM BARRIGA DE ALUGUEL

"É um dia histórico para a luta LGBTQIA+ em Israel", afirmou o ministro da Saúde, Nitzan Horowitz, ao anunciar que o governo israelense assegurou acesso igual a todos à chamada "barriga de aluguel". O recurso era acessível apenas a casais heterossexuais e mulheres solteiras, mas a Suprema Corte decidiu, em julho de 2021, que a proibição da contratação de gestantes de aluguel para casais do mesmo sexo e homens solteiros violava direitos básicos e deveria ser suspensa no prazo de seis meses.

Apesar do avanço, o casamento de pessoas do mesmo sexo não é permitido no país. Os casais homoafetivos costumam recorrer a um arranjo improvisado, no qual oficializam a união fora de Israel e depois a reconhecem em casa. O direito de contratar gestantes de aluguel era uma antiga reivindicação de ativistas da comunidade LGBTQIA+.

A Suprema Corte acolheu a queixa da comunidade LGBTQIA+

STUART ISETT/FORTUNE GLOBAL FORUM, IGOR DO VALE/FOLHAPRESS E ISTOCKPHOTO

Esforço exagerado dá nisso

Mamata e corporativismo

REGALIAS RESIDENCIAIS, A PREMIAR ITAMARATY E PLANALTO, E A LUTA PELO AUMENTO SALARIAL DE SERVIDORES, PF À FRENTE, MARCAM O ALVORECER DE 2022

por ANDRÉ BARROCAL

ISTOCKPHOTO E REDES SOCIAIS

Na manhã de 30 de dezembro, Jair Bolsonaro foi passear no parque Beto Carrero World, à tarde visitou uma loja do "Veio da Havan" em São Francisco do Sul, litoral norte de Santa Catarina. Fazia três dias que curtia férias na cidade e, ao voltar a ela naquele dia, arrumou uns minutos para trabalhar. Por videoconferência, falou com o chefe jurídico da Presidência, Pedro Cesar Souza. Na papelada preparada pelo auxiliar estava um decreto com o qual Bolsonaro nomeou o embaixador Pedro Wollny para comandar o escritório financeiro do Ministério das Relações Exteriores em Nova York.

STEVE BANNON ESTÁ SURPRESO AO SABER DO EX-MINISTRO ARAÚJO QUE O BRASIL É CAMPEÃO MUNDIAL DE CORRUPÇÃO. E PERGUNTA: "MAS BOLSONARO NÃO IA ACABAR COM ISSO?"

O escritório administra toda a grana da chancelaria no estrangeiro. No Itamaraty, há quem questione a necessidade do posto, pois a conta internacional da Casa fica em Miami, onde há um consulado brasileiro. O novo encarregado do pedaço foi chefe de gabinete de Ernesto Araújo, quando este era ministro das Relações Exteriores de Bolsonaro. Araújo, aliás, acaba de dizer a Steve Bannon, ideólogo da extrema-direita global, que o Brasil é "campeão mundial de corrupção". O ex-capitão não "iria limpar tudo isso?", reagiu Bannon. Araújo perdeu o rebolado, como ocorreu mais de uma vez no seu tempo de chanceler.

Em Nova York, Wollny terá uma mordomia ressuscitada pela cúpula do Itamaraty três dias antes do decreto presidencial que o acomodou nos Estados Uni-

dos. Suas despesas residenciais com luz, telefone, segurança e dois empregados serão pagas pelo governo, ou seja, pelo povo que hoje amarga desemprego, fome e inflação. Essa mamata é desfrutada por todos os chefes de embaixadas brasileiras. Até 2015, no governo Dilma Rousseff, cônsul-geral também se esbaldava. A abolição da regalia para cônsul naquela época foi vista pelos diplomatas mais jovens e progressistas como um passo na direção certa, prenúncio, quem sabe, do fim do privilégio para embaixadores no futuro.

A equipe do ministro Carlos França, o sucessor de Araújo, informou sobre a volta da mordomia para cônsul-geral, a partir de 2022, com uma circular interna de 27 de dezembro, a n.º 117.336. *CartaCapital* obteve o documento. Além de 50 consulados, receberam-no mais sete postos, incluídos o escritório financeiro em Nova York e as delegações junto à ONU na mesma cidade e em Genebra. A mordomia não se limita a cônsul-geral, estende-se também a vice-embaixadores, os chamados "representantes alternos", e a chefes de escritórios. Detalhe: o aluguel dessa turma também será pago com verba pública, mas isso já acontece, na forma de reembolso, a diferença será no *status* da moradia, que passará a ser "oficial", com algumas despesas rotineiras pagas também. Em 2021, o Itamaraty gastou 10,2 milhões de dólares com 83 aluguéis no exterior, média mensal de 10,3 mil por contrato, uns 56 mil reais.

De acordo com o Ministério, a mordomia "reintroduzida" (palavra usada na circular) favorecerá 53 pessoas. E justifica-se para "propiciar mais adequado desempenho das funções de representação do Estado brasileiro e possibilitar a hospedagem de autoridades brasileiras em visitas oficiais e a consequente economia de despesas com viagens". Dúvida: qual seria a inadequação na performance de um cônsul-geral desprovido de doméstica bancada pelo povo brasileiro?

"Voltam as mordomias", informa em júbilo Carlos França, chanceler recém-emplacado

No Itamaraty, há gente revoltada com a volta do privilégio. "Um absurdo, uma vergonha", afirma um diplomata. Os embaixadores, diz ele, formam uma casta e resistem a abrir espaço para as novas gerações, tamanhas são as mordomias, agora com a extensão da regalia ao cônsul-geral. Além disso, teoriza, regalias colaboram para a reprodução de uma mentalidade de "casa-grande e senzala". Os empregados nas residências oficiais de embaixadores são muitas vezes pobres, negros, mulheres e, não raro, sofrem discriminação e maus-tratos. Em 2018, o chefe da missão do Brasil junto à FAO, em Roma, João Carlos de Souza-Gomes, foi afastado sob a acusação de assédio moral e sexual contra funcionários.

EM 2018, JOÃO CARLOS SOUZA--GOMES FOI AFASTADO SOB ACUSAÇÃO DE ASSÉDIO MORAL E SEXUAL CONTRA FUNCIONÁRIOS DA MISSÃO QUE COMANDAVA JUNTO À FAO

Outro diplomata acrescenta: mordomias de embaixadores no exterior exigem que funcionários das embaixadas trabalhem mais para eles do que para o Brasil, o que agora se verá com cônsul-geral. A decisão do Itamaraty, prossegue o profissional, reduz incentivos para um consulado zelar pela verba pública. É comum, conta, que um embaixador ofereça dois, três almoços ou jantares por semana e aproveite as compras destinadas a estas recepções para encher a própria despensa, tudo carimbado como despesa da residência oficial e, portanto, pago pelo governo. Um cônsul-geral com residência oficial agirá da mesma forma?

E o secretário de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia, Carlos da Costa, neoliberal que ajuda Paulo Guedes a falar mal de servidor, terá a mesma mamata reservada a Wollny nos EUA? Guedes quer ele à frente de um escritório comercial em Washington, cuja criação o ministro defende. O chefe da missão brasileira junto a organismos econômicos em Paris, o embaixador Carlos Cozendey, é um dos favorecidos pela Circular 117.336 do Itamaraty, sua delegação foi uma das destinatárias do informe. O posto parisiense surgiu em 2018, em razão da tentativa do governo Michel Temer de botar o Brasil

na OCDE, clube de países ricos e simpatizantes, plano encampado por Guedes.

Costa embolsa 17,3 mil mensais como secretário. Segundo *O Globo*, coube a ele elaborar a nota técnica que justifica abrir um escritório na capital americana e garantir o salário de embaixador ao ocupante do cargo. Cozendey recebe 8,7 mil dólares (49 mil reais pelo câmbio da quarta-feira 5). O chefe da missão brasileira na ONU, em Nova York, embaixador Ronaldo Costa Filho, 9,6 mil dólares (54 mil reais). O embaixador em Washington, Nestor Forster, 9,2 mil dólares (52 mil reais). Procurado, o Ministério da Economia disse ainda não haver decisão sobre o escritório e que o assunto tem sido analisado por equipes diferentes no governo.

A mamata diplomática das residências oficiais não foi o único presentão de Natal do governo operado com verba pública. Papai Noel, o bom velhinho, também passou pelo Palácio do Planalto. Em 28 de dezembro, o secretário de Administração da Secretaria-Geral da Presidência, Antônio Carlos Paiva Futuro, baixou uma portaria, a 132, sobre utilização de imóveis funcionais do Planalto. São moradias requisitáveis por ministros e titulares de alguns cargos de confiança. A portaria veda seu uso por quem tenha imóvel

Carlos da Costa, neoliberal de plantão

em Brasília ou for casado com quem tenha. Há, porém, uma exceção: ministros.

No Planalto, ao menos dois ministros são donos de imóveis na capital federal e, em tese, se beneficiam da portaria. Um é Ciro Nogueira, chefe da Casa Civil. Na eleição para o Senado pelo PP em 2018, Nogueira, patrimônio de 23 milhões, declarou à Justiça Eleitoral um apartamento de 303 mil reais em Brasília. A outra é Flávia Arruda, da Secretaria de Governo. Na campanha para deputada pelo PL do Distrito Federal em 2018, informou à

Flávio "rachadinha" Bolsonaro e seus palpites sobre o caso Queiroz

WASHINGTON COSTA/ME, MATEUS BONOMI/AGIF/AFP E JOSÉ CRUZ/ABR

Justiça Eleitoral ter bens de 774 mil, incluída uma casa de 390 mil em sua terra natal. Ela é casada com um ex-governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e ele possuía um apartamento em Brasília ao disputar eleição pela última vez, em 2014. A propósito, parte da base aliada de Bolsonaro no Congresso tenta derrubar a ministra neste início de ano.

CartaCapital questionou a Secretaria-Geral da Presidência sobre o motivo da portaria, seus beneficiados e a cessão de imóveis funcionais para ministros e servidores. Não houve resposta até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira 6. E esta não é uma reportagem apenas sobre mamatas. É também sobre a disputa corporativa por fatias do orçamento público, avarento com a turma do salário mínimo, por exemplo, há quatro anos sem ganho real. Algumas categorias da elite do funcionalismo federal, como auditores fiscais e analistas do Banco Central, têm entregado cargos de confiança no governo e marcaram uma paralisação para dia 18, em busca de aumento.

Sem reajustes desde a virada do governo Dilma para o de Temer, essas categorias não aceitam ver Bolsonaro prometer aumento só para a Polícia Federal. Um delegado da PF tem o salário mais alto entre servidores concursados do Executivo, 30,9 mil, só inferior ao de embaixadores no exterior, remunerados em dólar. Em 20 de dezembro, véspera de o Congresso aprovar a Lei Orçamentária de 2022, o presidente, que curtia no Guarujá a primeira fase das férias, falou por telefone com o relator-geral do orçamento, deputado Hugo Leal, do PSD do Rio. E acertou incluir 1,7 bilhão de reais para bancar reajuste para a PF. Naquele dia, Paulo Guedes, o dono da chave do cofre, saía ele próprio de férias, por três semanas.

Em 13 de dezembro, Guedes havia recebido o ministro da Justiça, Anderson Torres, que é delegado, e o chefe da PF, Paulo Maiurino, da Polícia Rodoviária Federal,

Silvinei Vasques, e do Departamento Penitenciário Nacional, Tânia Fogaça. Foi uma reunião sobre salário. O "Posto Ipiranga" era contra dar aumento, achava que atender a PF detonaria um efeito cascata. Um dia depois, houve um evento no Planalto, sobre um programa da Polícia Rodoviária, e o presidente mandou Guedes resolver o pepino salarial na PF. Em 16 de dezembro, o ministro enviou a Hugo Leal um ofício a pedir para reservar 2,5 bilhões no orçamento para reajuste de servidores.

Terá sido apenas coincidência se foi justamente em meio ao *lobby* salarial que a PF realizou, em 15 de dezembro, uma operação contra um presidenciável, Ciro Gomes, do PDT? Ciro disse à época que a polícia tinha agido a mando do ex-capitão. A propósito, o inquérito da PF sobre a facada em Bolsonaro em 2018 foi reaberto e um novo delegado acaba de assumi-lo, Martin Pusper. O responsável anterior, Rodrigo Morais Fernandes, concluiu por duas vezes que Adélio Bispo agiu sozinho e por razões individuais. O advogado do clã Bolsonaro, Frederick Wassef, diz e repete, porém, haver indícios de que Adélio, que cumpre tratamento psiquiátrico em uma penitenciária em Campo Grande, não é louco e foi pago pelo atentado.

Apesar dos serviços prestados, um delegado conta haver ceticismo na PF

1,7 BILHÃO DE REAIS JÁ ESTÃO SEPARADOS PARA CUSTEAR O AUMENTO DE SERVIDORES, A PARTIR DAS REIVINDICAÇÕES DAS CATEGORIAS ENVOLVIDAS

quanto à efetivação da promessa salarial. A corporação, diz ele, bolsonarizou na eleição de 2018 e já em 2019 começou a se frustrar, graças à reforma da Previdência, que esticou o tempo de trabalho público. Os policiais, prossegue, ganham bem (delegado: 30,9 mil, perito: 24,2 mil, agente: 18,6 mil), mas sofreram perda de poder aquisitivo desde o último aumento, negociado no fim da gestão Dilma e sacramentado por Temer. Uma lei de dezembro de 2016 subiu o holerite dos delegados em 35% em relação a 2015, de forma escalonada até janeiro de 2019. De 2015 a 2021, a inflação foi de 40%.

O destino final daquele 1,7 bilhão separado para bancar o aumento a servidores ainda será definido pelo governo, com base nas pressões das categorias envolvidas na luta por nacos da bolada. Na terça-feira 3, o Sindicato dos Funcionários do Banco Central resolveu estimular a entrega de cargos de confiança no governo e aderir à paralisação do dia 18. O salário de um analista do BC é de 21,3 mil e o de um técnico, de 12,5 mil (quantias fixadas na mesma lei de 2016 que corrigiu os rendimentos na PF), alta de 27% ante a remuneração de 2015. Um dia depois do anúncio do sindicato, Bolsonaro subiu por decreto o valor extra pago a funcionários de carreira do BC ocupantes de cargos de confiança, uma despesa adicional de 18 milhões por ano.

Os auditores fiscais da Receita Federal também atormentam o governo. Estão na linha de frente da mobilização do dia 18. Desde dezembro têm entregado cargos de confiança e feito operação tartaruga em aduanas, por exemplo, movidos ainda por uma guerra particular com Paulo Guedes, seu superior imediato. E têm a simpatia de Bolsonaro, cujo filho Flávio "rachadinha" acha que fiscais ajudaram a alimentar o caso Queiroz. Na véspera de Natal, o presidente comentou que não "custava nada" Guedes aceitar subir o bônus por produtividade criado para os fiscais em 2017, na mesma lei que reajustou pela última vez os salários no "Leão". O de um auditor passou para 27,3 mil (alta de 15% ante 2016) e o de um analista tributário, para 16,2 mil (idem).

Com Guedes em férias, os auditores-fiscais fizeram *lobby* salarial diretamente no Planalto, onde foram recebidos por Ciro Nogueira. Na quarta-feira 12, realizarão uma assembleia-geral extraordinária, para discutir formas de pressionar o governo. Nos últimos dias, auditores do trabalho pegaram o embalo dos colegas da Receita e entregaram cargos. O movimento da elite do funcionalismo incentivou outras carreiras federais menos vistosas, como servidores da Funasa Saúde e do Incra, a aderir à luta salarial. Há uma greve geral à vista.

Feliz ano-novo, Jair Bolsonaro e Paulo Guedes. •

Ciro Nogueira e Flávia Arruda, felizes proprietários

ASCOM/CASA CIVIL

O Auxílio Brasil é usado para pagar dívidas, não no consumo

Herança maldita

O ANO COMEÇA MAL NA ECONOMIA, COM OS MOTORES DO PIB PARADOS E UM DESAFIO MONUMENTAL PARA O PRÓXIMO GOVERNO

por CARLOS DRUMMOND

RENATO LUIZ FERREIRA

O próximo presidente, que, tudo leva a crer, será Lula, terá diante de si uma tarefa monumental de reconstrução, em especial na economia. O ano de 2022 começa muito mal nessa área, pois os motores fundamentais do PIB estão paralisados, observa o economista Rafael Ribeiro, professor do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. "O PIB depende essencialmente de um conjunto de agregados macroeconômicos que inclui o consumo das famílias, o investimento das firmas, os gastos do governo e as exportações líquidas, que são basicamente as exportações menos as importações, ou seja, o setor externo. São esses os seus principais motores e o diagnóstico é de que eles estão parados."

A paralisia dos motores da economia resulta da combinação da política econômica de austeridade fiscal radical anacrônica, da ideologização das decisões, da au-

O investimento público atinge um patamar mínimo. Pior para a infraestrutura

sência de planejamento guiado pelo interesse público e da condução negacionista na pandemia, segundo vários analistas. O fisiologismo crescente nos gastos do governo, traduzido no orçamento aprovado pelo Congresso, reforça a tendência de o País, neste ano, repetir essa opção econômica orientada para o desastre iniciada com a recessão de 2015 e 2016 e ampliada desde o governo Temer. "A situação dramática deixada pelos governos Temer e Bolsonaro é uma herança maldita que fará com que o PIB de 2022 retroceda para os valores de 2013", sublinhou o ex-ministro Guido Mantega em artigo recente.

O reerguimento do País requer, segundo Mantega, medidas emergenciais de combate à fome e à miséria, um ambicioso plano de investimentos públicos e privados para ampliar a infraestrutura, aumentar a produtividade e gerar empregos, uma reforma tributária que simplifique os impostos, diminua a taxação dos mais pobres e aumente os tributos sobre a renda e o patrimônio do 1% mais rico, uma política monetária que mantenha a inflação sob controle sem exagerar na dose de juros e a retomada das políticas industriais e de investimento tecnológico que devolvam a competitividade da indústria, com atenção às questões climáticas e ambientais.

A devastação operada nos governos Temer e Bolsonaro resultou em piora contínua da posição do Brasil também na comparação internacional. Em 2020, o PIB teve queda de 4,1%, o dobro da redução média de 2% ocorrida nos países com nível de renda semelhante. A projeção do FMI para o crescimento dos emergentes em 2021 é de, aproximadamente, 6,5% e a estimativa para o Brasil, publicada na última edição do ano passado do Relatório Focus, do Banco Central, é de 4,5%. Em 2022, a diferença tende a se ampliar. Segundo os últimos cálculos do FMI, claramente defasados, a média de avanço do PIB previsto para os países emergentes gira em torno de 5%, enquanto o Brasil deverá crescer perto de 1,5%. O Relatório Focus prevê desempenho ainda pior, com evolução de apenas 0,36%.

A estimativa decepcionante para o Brasil teria sido um dos motivos da dispensa oficial do Fundo, pelo governo, no mês passado, logo após a declaração do ex-presidente do BC Ilan Goldfajn, indicado para um cargo de direção na entidade, de que os investidores estrangeiros não estão fugindo do Brasil, pois já fugiram. A explicação do ministro da Economia, Paulo Guedes, para o encerramento unilateral da relação com o FMI em meados de dezembro foi, contudo, de que a sua presença no País não tem hoje a mesma relevância do passado. O ministro não percebeu que é inútil afastar portadores de más notícias sobre o futuro próximo da economia, pois eles se multiplicam. Ao menos dois bancos, Itaú e Credit Suisse, fizeram projeções muito piores do que aquelas do FMI e do Focus, de uma variação negativa de 0,5% do PIB neste ano, segundo os jornais.

A situação do consumo das famílias é preocupante. Na medida em que a eco-

nomia começou a se abrir novamente, no fim do ano passado, em razão da redução das restrições sanitárias, o nível de emprego foi retomado em alguma medida e, de forma ainda lenta, vários desempregados conseguiram se recolocar no mercado de trabalho. Essa reinserção ocorre, contudo, em posições de pior qualidade em relação à situação anterior, isto é, em empregos com salários mais baixos e em condições mais precárias. "O resultado dessa situação é que, apesar da retomada da ocupação, a massa de salários não se recompõe na mesma velocidade. Por outro lado, as famílias estão mais endividadas, ou seja, todo recurso que entra vai para cobrir dívidas assumidas no passado e é por isso que esse dinheiro não move a economia", sintetiza Ribeiro. Forçadas a adiar o consumo, as famílias enfrentam também uma incerteza muito grande quanto ao futuro e nessa situação, estejam seus integrantes empregados ou não, elas tendem a reduzir os gastos, como ocorre agora, para poupar. Essa condição resulta em estagnação do poder de consumo.

Um aspecto importante sobre a situação do consumo das famílias é que uma recuperação da massa de salários, nas condições econômicas atuais, sempre é inferior ao resultado que se obteria antes do aumento da inflação, que gera perda do poder de compra. Uma inflação, sublinha Ribeiro, também produto da crise institucional, pois, "diante da incerteza política, o capital foge e os investidores correm para moedas mais seguras. Com isso, o dólar aumenta, há repasse para os preços, pois o custo dos bens importados sobe". Em outras palavras, a crise política gera instabilidade e imprevisibilidade da economia, o que, por sua vez, conduz à desvalorização cambial, que resulta em uma socialização dessas perdas por meio da inflação, a qual consome o poder de compra das famílias e puxa o consumo para baixo.

O FISIOLOGISMO CRESCENTE NOS GASTOS DO GOVERNO REFORÇA A OPÇÃO ORIENTADA PARA O DESASTRE

A mais rigorosa seca em 90 anos afeta as lavouras

O exemplo dado pelo economista Guilherme Tinoco, em rede social, sobre as consequências da queda da inflação projetada no Boletim Focus, do BC, deixa claro o problema. "A inflação saindo de 10% para 5% significa que a mesma cesta que custava 100 no fim de 2021, custará 105 ao fim de 2022. Em termos macro, claro que é algo bem positivo. Para o cidadão, contudo, significa que o que era percebido como muito caro vai ficar mais caro ainda." A conclusão é de que o consumo das famílias está estagnado e o desemprego, embora tenha

sofrido redução, ainda é altíssimo, no momento em que a economia mal começava a voltar à sua atividade normal, antes de ser atropelada pela escalada da variante Ômicron da Covid-19.

A falta de perspectiva de aumento do consumo das famílias tem a ver com o baixo investimento das empresas, sinal de encolhimento do mercado. O investimento das firmas está estagnado também porque elas estão com a capacidade ociosa muito grande, por não conseguirem vender o que produzem e serem forçadas a aumentar seus estoques. "Elas têm capacidade de produzir mais, mas não o fazem porque não há demanda para comprar. Outro motivo para não investir é o elevado grau de incerteza quanto ao futuro", destaca Ribeiro. Para as empresas, só faz sentido investir se há perspectiva de demanda lá na frente, de comprarem o que ela produzirá a partir desse investimento. Em vez disso, há elevada imprevisibilidade, não só quanto à dinâmica da pandemia, mas em relação à condução da economia e a evolução da crise político-institucional.

Nesse contexto, as empresas tendem a retrair o investimento, que é o que ocorre no setor industrial. Segundo o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, "o PIB industrial ficou estagnado em 2021 e o da indústria de transformação não teve um trimestre sequer de crescimento neste ano na série com ajuste sazonal. A evolução da produção física nos últimos meses também não traz alento".

A importância do gasto dos governos para reduzir os danos provocados na economia pela retração do investimento privado é conhecida, mas Brasília age como se essa possibilidade não existisse. Há apenas uma expansão localizada desse tipo de desembolso e o que se destaca é a questão do orçamento secreto, manipulado de forma obscura e com repasses que não geram crescimento econômico. "São gastos capturados por setores com maior poder de *lobby*, pelo Centrão, por interesses políticos e pela área militar, que não foram feitos com base em planejamento estrutural para gerar crescimento econômico e que não consideram o interesse público em primeiro lugar nem contemplam a necessidade de gastos que sejam realmente produtivos", sublinha Ribeiro. O gasto público está amarrado, portanto, ele também não gera crescimento.

Exemplos de gastos que poderiam gerar crescimento econômico são, entre outros, aqueles direcionados à saúde, à educação e ao investimento em infraestrutura, que seria fundamental neste momento porque reduz gargalos produtivos, entre eles no setor de energia, hoje completamente defasado e submetido a aumentos descontrolados da tarifa. A proposta orçamentária federal confirma a prioridade dada a desembolsos que não levam ao crescimento. Inclui 16,5 bilhões de reais para as emendas de relator, 5 bilhões para o fundo eleitoral, 1,7 bilhão para reajuste salarial da Polícia Federal e investimentos de irrisórios 44 bilhões. O governo esbanja generosidade com privilégios na proposta orçamentária, mas alega não haver dinheiro para elevar o Auxílio Brasil de 400 para 600 reais, segundo declarou o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira. A ajuda chegou tarde, é insuficiente e não deverá ser usada para aumentar o consumo das famílias, mas para pagar dívidas, concordam vários economistas.

Quando as empresas ensaiavam uma intensificação do seu comércio externo

A SITUAÇÃO APONTA PARA UMA NOVA PIORA DA POSIÇÃO DO BRASIL NA COMPARAÇÃO INTERNACIONAL

NELSON ALMEIDA/AFP E JACKSONVILLE PORT/JAXPORT

com a diminuição das restrições impostas pela pandemia, o surgimento da variante Ômicron trouxe de volta uma grande incerteza às trocas internacionais. "Além de ter a sua base econômica constituída pela exportação de *commodities* primárias, o Brasil sofreu a maior seca dos últimos 90 anos e isso gerou uma quebra de safra significativa. A produção agrícola ficou em parte comprometida no ano passado e isso prejudicou as exportações", destaca Ribeiro. Houve um pequeno *boom* de *commodities*, diz, com os preços do minério de ferro em alta, mas isso não gerou crescimento econômico, até porque os preços oscilaram muito e caíram e, principalmente, porque essa *commodity* não tem capacidade de puxar de modo substantivo a economia.

Dados relativos ao período de janeiro a dezembro do ano passado, divulgados no início deste mês pelo Ministério da Economia, mostram, entretanto, alguma recuperação, analisa o Iedi. "Ainda que as

Os gastos das famílias estão travados. O setor externo mostra uma recuperação

importações tenham avançado mais que as exportações, em todos os setores o valor das vendas externas avançou bastante em 2021, sobretudo em produtos primários, mais diretamente influenciados pela ampliação dos preços de *commodities*", destaca a entidade. No agregado de janeiro a dezembro de 2021, a corrente de comércio do Brasil registrou alta de 35,8% em razão do aumento de 34% das exportações e 38,2% das importações.

Além da política de austeridade fiscal e dos efeitos das frequentes decisões econômicas com motivação ideológica, em especial na área externa, destacam-se entre as causas da paralisia a condução negacionista do governo diante da Covid-19. "Como a pandemia ficou descontrolada aqui, isso acabou prejudicando muito as famílias, provocou perdas enormes na força de trabalho, com grande número de mortos e de afastamentos", destaca o professor da UFMG. Houve também a falência de um número significativo de firmas, pequenas empresas, restaurantes, salões de beleza, que não tiveram de fato apoio do governo, pois o crédito acabou não chegando na ponta, em muitos casos. "E aí acontece o seguinte: quando é liberada a atividade econômica para os empresários poderem de fato começar a operar, no momento em que a pandemia está mais controlada, na medida em que houve muitas falências, é mais difícil, mais custoso e mais lento para esse capital se reorganizar e voltar." Se essas empresas e essas vidas tivessem sido preservadas durante os momentos de isolamento social na pandemia, a recuperação muito provavelmente seria mais rápida, estima Ribeiro. "A palavra mais suave que a gente pode usar neste momento para caracterizar o resultado de todos os desmandos é desastre." •

Da inação ao escárnio

EM MEIO À TRAGÉDIA DAS CHEIAS NA BAHIA, QUE DEIXOU MAIS DE 100 MIL DESABRIGADOS OU DESALOJADOS, BOLSONARO FARREIA NO LITORAL E OFERECE MIGALHAS ÀS VÍTIMAS

por FABÍOLA MENDONÇA

Além de se exibir com um *jet ski* da Marinha no litoral catarinense, o ex-capitão acelerou um carro de corrida em parque temático e dançou ao som de MC Reaça

Alheio ao drama vivido por quase 800 mil cidadãos atingidos pela tragédia provocada pelas fortes chuvas no Sul da Bahia, Jair Bolsonaro não viu motivos para interromper as férias de fim de ano. Enquanto 30 mil vítimas estavam desabrigadas porque tiveram suas casas destruídas pelo temporal, e outras mais de 73 mil ficaram desalojadas, Bolsonaro exibia-se a bordo de um *jet ski* da Marinha no litoral de Santa Catarina e fazia manobras radicais num carro de *Hot Wheels* em *show* temático no Parque Beto Carrero. As chuvas provocaram enchentes e destruição em 168 municípios baianos, dos quais 157 estão em estado de emergência. Até a terça-feira 4, o saldo era de 26 mortos.

O presidente tratou com desdém a situação dos baianos. O máximo que fez foi terceirizar a responsabilidade, enviando quatro ministros à região: João Roma (Cidadania), Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional), Marcelo Queiroga (Saúde) e Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos). Eles visitaram o município de Itabuna, um dos mais atingidos pela tragédia, e sobrevoaram a área afetada. No dia 31 de dezembro, o *Diário Oficial da União* publicou uma Medida Provisória com crédito extraordinário de 700 milhões de reais em favor dos estados afetados pelas enchentes. Antes, Bolsonaro tinha liberado 200 milhões para recuperação de estradas, mas, desse montante, 80 milhões foram destinados à Bahia e o restante a outros estados que também sofrem com as fortes chuvas, como Minas Gerais, Goiás e Tocantins.

O governador baiano, Rui Costa (PT), criticou o valor liberado, afirmando não ser suficiente para recuperar os estragos. "Participei de uma reunião com diversos ministros. Em outro momento afirmei que o anunciado era pouco, diante da dimensão da tragédia. Esperávamos muito mais, entretanto, qualquer ajuda é bem-vinda", destaca. Sobre uma possível perseguição política por ser do PT, Costa é incisivo: "Ao longo dos últimos anos, a Bahia foi muito pouco contemplada. Se isso estiver acontecendo, a discriminação não é contra o governador, mas sim contra os 15 milhões de baianos e baianas e, principalmente, contra os atingidos pelas chuvas".

A falta de empatia de Bolsonaro com as vítimas da Bahia provocou uma enxurrada de postagens nas redes sociais, criticando a postura do presidente e colocando a *hashtag* #BolsonaroVagabundo entre os assuntos mais comentados do Twitter no dia 28 de dezembro. A falta de sensibilidade do mandatário também ficou visível nos dias que antecederam o feriado do Natal, período em que já ocorriam as chuvas. Em vídeo viralizado na internet, ele aparece em passeio de lancha no litoral paulista dançando o *funk Proibidão Bolsonaro*, do MC Reaça, a comparar feministas a cadelas.

"Estamos passando por um momento muito difícil. O presidente tem o direito de tirar férias, mas ele poderia ter vindo aqui se solidarizar com as vítimas. Seria uma demonstração de cuidado com as pessoas", queixa-se Mário Alexandre, prefeito de Ilhéus, cidade onde o governo baiano instalou o comitê de crise. Na vizinha Itabuna, o cenário é de devastação. Cerca de 40% da cidade foi atingida, deixando casas, vilas e estradas totalmente destruídas e muito lixo acumulado. "Num primeiro momento, buscamos resguardar vidas, removendo pessoas para 16 abrigos, principalmente nas comunidades ribeirinhas e em áreas de baixada", explica Augusto Castro, prefeito de Itabuna. "O cenário é de verdadeira catástrofe. Tudo é de cortar o coração, mas o que mais me comoveu foi perceber o desalento das pessoas que perderam, em algumas horas, tudo o que conseguiram em uma vida inteira de trabalho árduo", lamen-

O EX-CAPITÃO FEZ POR MERECER A *HASHTAG* #BOLSONAROVAGABUNDO ENTRE OS ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DO TWITTER

DIETER GROSS/ISHOOT/ESTADÃO CONTEÚDO E FERNANDO VIVAS/GOVBA

ta Rui Costa, definindo as enchentes como "a maior tragédia ocorrida na Bahia".

O Norte de Minas também foi atingido pelas enchentes, deixando um saldo de seis mortos, milhares de desabrigados ou desalojados e 124 municípios em estado e emergência. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia, o temporal é consequência da Zona de Convergência do Atlântico Sul, um fenômeno que formou uma faixa de nuvem que vai da Região Amazônica até o Oceano Atlântico. As chuvas até que são comuns nesta época do ano, na transição entre a primavera e o verão, mas foram bem mais intensas entre o fim do ano e início de 2022.

No começo de dezembro, quando as tempestades se intensificaram na Bahia, Bolsonaro chegou a visitar o Estado, mas criou mais problemas do que apontou soluções. Ele sobrevoou a área atingida e comparou a tragédia às medidas de distanciamento social adotadas por prefeitos e governadores para conter a Covid-19, numa tentativa de atingir o govenador Rui Costa. Em meio à tragédia, o Brasil rejeitou uma ajuda humanitária do governo da Argentina para atender as vítimas das enchentes. Alegou que a situação estava sob controle e enviou aos municípios atingidos médicos para atender os mais necessitados.

Da parte do governo estadual está sendo feito o cadastramento de pessoas que perderam suas casas e comerciantes afetados pelas enchentes. "Abrimos uma linha de crédito de até 150 mil reais, sem juros, para pequenos comerciantes e prestadores de serviços e estamos prestes a ampliar para a população atingida um programa de auxílio financeiro, criado durante os momentos mais graves da pandemia. Também está nos nossos planos, para aplicação imediata, um programa de construção de casas para pessoas que perderam as suas. Outro benefício foi a ampliação do programa de tarifa social por parte da empresa estatal de abastecimento de água", explica Costa.

MANU DIAS/GOVBA E FERNANDO VIVAS/GOVBA

Mas o que fez a diferença mesmo em meio à tragédia na Bahia foi a solidariedade das pessoas. Enquanto Bolsonaro curtia seu *Réveillon* na orla de São Francisco do Sul, centenas de desabrigados se confraternizavam em uma escola pública em Itabuna, com direito a música e ceia, graças a doações e ao trabalho de voluntários. "Uma onda de solidariedade sucedeu a tragédia, evidenciando a empatia e a esperança, espalhando os bons ventos da reconstrução. As ajudas de várias pessoas, lugares e formas se somaram. O mais importante era contribuir com doações, no âmbito do cuidado ou ainda em atendimentos multidisciplinares, a exemplo de saúde e psicologia", relata Célia Watanabe, educadora e moradora de Itabuna.

"A DISCRIMINAÇÃO NÃO É CONTRA O GOVERNADOR, MAS SIM CONTRA O POVO BAIANO E OS ATINGIDOS PELAS CHUVAS", LEMBRA RUI COSTA

A Central Única das Favelas (Cufa) e a Frente Nacional Antirracista (FNA) vinham fazendo um trabalho social e de conscientização política na região antes mesmo das chuvas. Com a tragédia, os dois grupos coordenaram uma corrente de solidariedade em nível nacional e conseguiram angariar muitas doações. A meta é arrecadar 1 milhão de cestas básicas – até 4 de janeiro havia mais de 970 mil. "A chuva e a pandemia só fizeram escancarar uma

Quase 800 mil baianos foram atingidos pelas tempestades. A última cheia dessa magnitude na região ocorreu em 1967, há pouco mais de 50 anos

desigualdade histórica. As pessoas que moravam na beira do rio, onde casas foram devastadas, estavam ali há décadas. É necessário dar o alimento, mas é importante levar dignidade às pessoas também. As vítimas, em sua maioria, são pretas. Temos de cuidar com empatia, porque esse sofrimento é histórico", salienta Márcio Lima, presidente da Cufa na Bahia.

"A gente sabe da importância de ajudar os nossos irmãos que estão passando por dificuldade. Se tem uma família preta e periférica no Sul da Bahia sofrendo, a gente tem a responsabilidade de organizar essa campanha para tentar, de alguma forma, ajudar esses irmãos", afirma Tamires Sampaio, coordenadora da FNA, explicando que a campanha Abrace a Bahia arrecadou em torno de 50 milhões de reais, recursos que são utilizados para a compra das cestas básicas, material de higiene, colchões e cobertores. Ela cita também a parceria que a FNA e a Cufa têm com empresas privadas de logística para levar as doações até as vítimas.

Apesar de a principal causadora das chuvas ser a Zona de Convergência do Atlântico Sul, as mudanças climáticas contribuem para o fenômeno, uma vez que são responsáveis por eventos extremos, como períodos prolongados de seca e tempestades atípicas. Ronaldo Gomes, geólogo-geotécnico e professor da Universidade Estadual de Santa Cruz, no Sul da Bahia, afirma que grandes enchentes são previsíveis por terem tempo de recorrência. A última na região nessa magnitude aconteceu em 1967, há pouco mais de 50 anos. "A hidrologia consegue, a partir de dados históricos, quantificar o tempo de recorrência de chuvas e, consequentemente, as vazões dessas chuvas. A ciência calcula isso e prevê o tempo para que aquele determinado evento volte a acontecer. Quanto maior a recorrência, maior a intensidade do evento."

Se as enchentes são previsíveis, assim como a seca, por que o Poder Público não se prepara para tais fenômenos e protege a população dos seus efeitos? "De forma geral, os mapeamentos de riscos remetem ao problema, dizem onde o risco está e ele deve ser tratado para evitar tragédias. Se você sabe que um dia essa cheia vem, providências podem ser tomadas. Essa informação pode não chegar ao Poder Público, aí é um problema de comunicação. Mas se chega, você cai na velha história de saber sobre o evento e não tomar as providências necessárias", responde Gomes.

Alessandro Santana, economista e reitor da Uesc, diz ser possível evitar a tragédia a partir da implantação de políticas públicas voltadas para a população mais vulnerável. Ele explica que, muitas vezes, pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade são retiradas de suas casas sem que sejam dadas condições para que elas se mantenham nas novas moradias. "É preciso acompanhamento econômico e social para que essas pessoas possam ter não apenas uma moradia mais segura em outra área, mas também condições de sobrevivência. Uma política pública eficiente é fundamental para resolver essas questões." •

Orçamento desastroso

A PEÇA REFLETE A MENTALIDADE DO GOVERNO BOLSONARO: DEFESA DE INTERESSES CORPORATIVOS E MAMATA PARA OS ALIADOS

por REGINALDO LOPES*

Analisar o Orçamento aprovado para o último ano do atual governo é fazer um balanço sobre a tragédia vivida pelo Brasil desde que Bolsonaro tomou posse. A peça orçamentária reflete suas prioridades, fraquezas e desorganização. Conduzido por militares, o Estado autoritário e policialesco coloca no topo dos gastos públicos o Ministério da Defesa, que vai receber 8,8 bilhões de reais, e, pela primeira vez, concede aumento salarial apenas a uma categoria de servidores, a Polícia Federal.

Com um presidente sem projeto de governo e praticando crimes de responsabilidade em série, a condução da implementação das verbas federais passou a ser dos parlamentares que afiançam sua continuidade no poder. Por isso foi destinada a estratosférica cifra de 16,7 bilhões de reais para o Ministério do Desenvolvimento Regional, em gastos de baixo impacto social, pouco transparentes e sem nenhuma equidade na distribuição, destino das emendas do orçamento do relator.

Diante da maior crise econômica dos últimos tempos, aprofundada pelo caos sanitário, setores vitais para a população, como saúde, educação, assistência social e outros direitos sociais foram desprezados. Coerente com o rumo do pior governo de nossa história, o Orçamento de 2022 vai produzir mais fome, desemprego e novamente beneficiar milionários e bilionários, que lucram com a exclusão e a miséria alheia. Em um país devastado por uma pandemia que levou mais de 620 mil vidas e volta a se alastrar, o Ministério da Saúde foi desprezado com a destinação de 4,7 bilhões, metade do que se destinou à pasta dos militares. O congelamento do valor mínimo obrigatório de aplicação ainda causa prejuízo de 12 bilhões ao SUS. Nem sequer há recursos na LOA para garantir a vacina contra a Covid-19 a toda a população.

OS MILITARES VÃO RECEBER O DOBRO DA VERBA DESTINADA À SAÚDE

Com um quadro dramático de abandono e exclusão escolar, o Ministério da Educação ficou com apenas 3,7 bilhões de reais. Na pasta, houve o cancelamento de 1,5 bilhão em dotações do próprio órgão, prejudicando diretamente o funcionamento dos Institutos Federais de Ensino Superior e Institutos Federais de Ensino Técnico e Superior. No país onde um quepe vale mais que o cérebro, o menor investimento será do Ministério da Ciência e Tecnologia, com apenas 756 milhões.

Em um orçamento global de 4,82 trilhões, os recursos para o pagamento do chamado Auxílio Brasil, que pretensamente queria substituir o exitoso Bolsa Família, só foram alocados à última hora, graças ao calote do governo em parte das dívidas constituídas com milhares de brasileiros, que deveriam ser pagas neste ano por meio da quitação de precatórios. E mesmo com um aporte adicional de mais de 50 bilhões de reais para o novo programa, 27 milhões de famílias que recebiam auxílio emergencial ficarão de fora do novo programa.

Numa situação de calamidade socioeconômica, foram retirados da Previdência e do Benefício de Prestação Continuada 16,5 bilhões. O Orçamento não considera os milhões de excluídos, seja por desemprego, sejam os que ficaram sem benefícios sociais ou os que aguardam concessão de aposentadoria. O salário mínimo, que é um dos principais instrumentos de geração de renda e impulsionador da economia, ficou em 1.212 reais, deixando a remuneração recebida por milhões de trabalhadores sem aumento real.

No que diz respeito aos salários de servidores públicos federais, mantém-se o quadro de congelamento que perdura há cinco anos, mesmo com a defasagem causada pela inflação. Para piorar, foi praticada uma quebra de isonomia no trato com as diversas categorias, com a destinação de 1,7 bilhão para aumentar a remunera-

O Congresso garantiu as emendas do relator. As Forças Armadas cobram o preço do apoio ao ex-capitão

ção exclusivamente para a Polícia Federal, num gesto de agradecimento pela benevolência aos crimes praticados pelo presidente e seus filhos. O aumento, em detrimento ao congelamento para as demais carreiras, gerou um clima de revolta que repercute em episódios como o pedido de demissão dos servidores que ocupam posições de chefia no Banco Central, em movimento similar adotado à entrega de cargos de servidores da Receita Federal.

Instrumento fundamental para o desenvolvimento, o investimento público foi colocado num plano secundário e em 2022 teremos o menor valor dos últimos anos. Foram destinados apenas 44 bilhões, menos de um quarto do valor investido em 2012 (200 bilhões de reais). Os cortes nessa área ocorrem sucessivamente desde o golpe em 2016, ano em que o teto de gastos limitou o investimento público em 63 bilhões de reais. Essa política recessiva cria um quadro de incertezas em que o setor privado não investe e o gasto público não é suficiente para induzir os investimentos das empresas.

O processo orçamentário mais uma vez mostrou a opção equivocada do governo federal e da maioria do Congresso em apostar no modelo neoliberal, fracassado e ultrapassado no mundo todo. À custa da miséria de milhões de brasileiros, o mercado financeiro garante seus exorbitantes lucros, com os bilhões previstos para juros reais e financiamento da dívida pública. Dos 4,8 trilhões de despesas previstas, 1,9 trilhão de reais referem-se ao refinanciamento da dívida. A peça aprovada mistura austeridade, flexibilização casuística de regras e priorização de despesas sem impacto social, com baixo efeito multiplicador e redistributivo, amarrando o Brasil numa crise sem-fim.

Os governos Lula e Dilma, de 2003 até o golpe de 2016, demonstraram que não se pode confundir austeridade com responsabilidade fiscal. No período, conseguiu-se alcançar prioridade em investimentos sociais, recorde de investimento público, aumento real do salário mínimo, mas mesmo assim foram obtidos expressivos superávits fiscais. Nesse contexto, é urgente uma reforma no modo de se elaborarem o orçamento público e as regras fiscais que o determinam. Regras fiscais rígidas impedem gastos necessários para o desenvolvimento. Flexibilização fiscal seletiva cria incertezas no mercado. Prioridade para gastos sem impacto econômico e social não gera efetividade das políticas públicas. A Lei Orçamentária é o espelho de todo este quadro que afasta o orçamento das demandas da população. •

**Deputado federal (PT-MG) e líder do partido na Câmara.*

Dramático cenário

POBREZA No Brasil, apenas alguns estados do Norte e Nordeste conseguiram deter o avanço da miséria. As disparidades persistem

POR MAURÍCIO THUSWOHL

pág. 30
Federações. A união nem se concretizou e lideranças do PT e do PSB já falam em "divórcio"

Sempre na dianteira dos *rankings* mundiais de desigualdade, o Brasil conseguiu ao menos reduzir os indicadores de pobreza na primeira década do século XXI e sair do vergonhoso Mapa da Fome da ONU. A conquista viu-se ameaçada pela crise que se arrasta desde a deposição de Dilma Rousseff, mas acabou ferida de morte pela nefasta política de austeridade fiscal aprofundada por Paulo Guedes e pela pandemia de Covid-19. Ao cabo, o País chegou à metade do mandato de Jair Bolsonaro com um em cada quatro habitantes vivendo em situação de vulnerabilidade, atesta a Síntese de Indicadores Sociais, divulgada em dezembro pelo IBGE.

No fim de 2020, ao menos 50 milhões de brasileiros viviam na pobreza. Destes, 12 milhões estavam em situação miserável. Dois fatores possibilitaram, porém, uma tímida melhora nos indicadores na comparação com 2019: os bons resultados de alguns estados do Norte e Nordeste e o pagamento do Auxílio Emergencial pelo governo a partir de abril.

Em sua análise, o IBGE utilizou os parâmetros do Banco Mundial que estabelecem a situação de pobreza para quem sobrevive com até 5,5 dólares por dia e de pobreza extrema para quem vive com até 1,9 dólar. Considerando esse critério em 2020, Norte e Nordeste tiveram quedas em relação a 2019, enquanto as demais regiões apresentaram aumento. "O resultado geral do Brasil foi muito influenciado pelo que aconteceu nas regiões Norte e Nordeste", diz André Simões, pesquisador do instituto. Segundo o estudo, a incidência da extrema pobreza caiu nas regiões Norte (de 11,9% para 8,5%) e Nordeste (14,2% para 10,4%), mas aumentou nas regiões Sudeste (3,3% para 3,6%), Centro-Oeste (2,8% para 2,9%) e Sul (2,3% para 2,8%).

Ao todo, Norte e Nordeste reduziram

A extrema pobreza aumentou no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste, revela estudo do IBGE

a pobreza entre 2019 e 2020 em 6,3% e 4,1%, respectivamente. Os estados que obtiveram maior êxito foram Sergipe (-8,9%), Pará (-8.8%), Piauí (-6,7%) e Maranhão (-5,6%). Segundo a Secretaria de Planejamento do Piauí, historicamente um dos estados mais pobres, mas que em 2020 reduziu de 45,1% para 38,4% o porcentual de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza, cerca de 220 mil cidadãos piauienses tiveram aumento de renda no período, apesar da pandemia. Algumas medidas tomadas pelo governo estadual foram fundamentais para isso, como

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL E EM SITUAÇÃO DE POBREZA E EXTREMA POBREZA
Por grandes regiões – 2020 (%)

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – 2021

a disponibilização de 4 milhões de reais para a aquisição e distribuição de cestas básicas às famílias em situação de maior vulnerabilidade. Por intermédio de um banco de alimentos, foi investido 1,5 milhão de reais na compra direta de legumes, verduras, frutas e cereais produzidos por agricultores familiares, o que beneficiou cerca de 20 mil famílias. As ações continuaram em 2021 com a concessão de um benefício de 200 reais para 5 mil famílias piauienses que não recebem auxílio de nenhum outro programa social.

O governador do Piauí, Wellington Dias, ressalta que o mais importante é dar perspectivas de saída da pobreza em médio ou longo prazo para quem recebe o auxílio. "Lançamos um cartão de transferência de renda para quem está fora de todos os programas, não está no Bolsa Família, não tem aposentadoria rural... Aí a gente alcança essa pessoa, transfere para ela uma renda que tem inicialmente um prazo de seis meses e nesse período a gente desafia municípios, estado e setor privado a encontrar uma alternativa definitiva para aquela família a partir da sua realidade. Se a gente tem um direcionamento das ações para as pessoas, isso dá resultado", explica.

Dias critica o governo federal por ter abandonado quem mais precisa. "É lamentável o desmonte do programa da agricultura familiar, do crédito fundiário, da reforma agrária, de apoio ao homem do campo e às pessoas que vivem nas periferias", diz. Para ele, "dar a mão um ao outro e encontrar um caminho" é o objetivo dos governadores da região. "Por isso que no Piauí e em outros estados do Nordeste, como o Maranhão, estamos entre os que mais tiraram a população da miséria e da pobreza no Brasil, mesmo numa situação dramática como a que estamos vivendo nos últimos anos."

No Maranhão, outro ente nordestino

JOÃO PAULO GUIMARÃES/AFP

No Maranhão de Flávio Dino, a extrema pobreza recuou 5,6%. Diante do caos, Guedes só pensa em cortar despesas

historicamente vitimado pela miséria, o bom resultado obtido em 2020 ainda não foi suficiente para livrar o estado do primeiro lugar no quesito pobreza extrema, com 14,4% de sua população nessa condição. Na sequência aparecem Amazonas (12,5%), Alagoas e Pernambuco (ambos com 11,8%). No entanto, todos esses estados conseguiram uma redução na comparação com 2019, quando os porcentuais eram de 21,3% no Maranhão, 15,7% em Alagoas, 15% no Amazonas, e 13,6% em Pernambuco. O governador maranhense, Flávio Dino, comemora a redução da pobreza como um todo no estado: "Atingimos o menor patamar de pobreza desde 2012. Tradicionalmente, o Maranhão sempre esteve na casa dos 55% e chegamos a 48%".

A Síntese de Indicadores Sociais revela ainda que a redução da pobreza em

2020 somente foi possível graças ao impacto da concessão de benefícios sociais durante a pandemia, sobretudo no período inicial de quatro meses, quando o Auxílio Emergencial do governo federal teve valor mínimo de 600 reais mensais. No Brasil, de 2019 para 2020, recuaram os porcentuais da população em situação de pobreza (de 25,9% para 24,1%) e pobreza extrema (de 6,8% para 5,7%). No entanto, o estudo aponta que, se não fossem os auxílios emergenciais federal e estaduais, o cenário de desemprego, alta da inflação e paralisação econômica vivido pelo País teria feito esses números saltarem para 32,1% e 12,9%, respectivamente.

A utilização pelo IBGE dos mesmos critérios de análise para o período de 2012 a 2019 revela que, sem os auxílios sociais concedidos ao longo dos anos, as taxas de pobreza e extrema pobreza no País oscilariam para cima na faixa entre 2 e 3 pontos porcentuais. Já em 2020, a ausência simulada dos benefícios sociais implicaria aumento de 8% na pobreza e de 7,2% na pobreza extrema.

"No Brasil, o mercado de trabalho é responsável por 70% da renda da população. Por esse mercado ser mais fraco no Norte e Nordeste, nessas regiões existe maior precariedade salarial e informalidade, além de mais pobreza. Em 2020, com o País como um todo impactado pela pandemia, a concessão de benefícios so-

ciais foi ainda mais impactante no Norte e Nordeste porque nas duas regiões há um maior número de pessoas em situação de vulnerabilidade social", explica Simões.

Outro detalhe importante é que o valor de 600 reais concedido nos primeiros quatro meses de Auxílio Emergencial – que pôde chegar a 1,2 mil reais em casos de mulheres chefes de família – era sensivelmente alto se comparado ao praticado no Norte e Nordeste do Brasil. "Foi um valor três vezes maior do que, por exemplo, a média do Bolsa Família nos anos anteriores à pandemia. Além disso, com uma população maior em situação de pobreza, as duas regiões tiveram também, relativamente, o maior número de pessoas beneficiadas. Isso trouxe um impacto positivo à renda."

O técnico do IBGE explica que tanto a Síntese de Indicadores Sociais quanto a Pnad Contínua, também realizada pelo instituto, não analisam de forma separada e específica em suas respectivas coletas de dados os impactos dos auxílios emergenciais estaduais e municipais. "Mas eles, certamente, contribuíram para conter o aumento da pobreza no Brasil inteiro e, particularmente, no Norte e Nordeste", acrescenta.

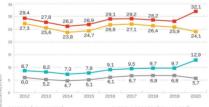
Sem os auxílios da União e dos estados, um terço da população estaria na pobreza

A desigualdade, assim como o impacto dos auxílios emergenciais durante a pandemia, não se deu somente em termos regionais. O estudo do IBGE mostra que as principais características das pessoas em situação de pobreza ou extrema pobreza no Brasil são aquelas há muito conhecidas. Pretos, pardos, mulheres e crianças de até 14 anos formam os grupos em maior vulnerabilidade. Em um cruel retrato da tragédia social brasileira, a pesquisa mostra que 17,3% das pessoas que convivem com a miséria no País são moradoras de lares comandados por mulheres pretas, sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos.

O estudo também aponta que, na ausência dos benefícios sociais, a taxa nacional de mulheres pretas e pardas em situação de pobreza chegaria a 42,4%. "O evidente corte por raça, cor e sexo continuou o mesmo de antes de 2020. Isso fez também com que as pessoas pretas e pardas estivessem mais elegíveis a receber os benefícios", diz Simões.

Em 2020, considerando os dois sexos, entre pretos e pardos as taxas de pobreza (31%) e extrema pobreza (7,4%) eram o dobro das registradas entre brancos (15,1% e 3,5%). Analisadas separadamente, as mulheres pretas e pardas tiveram as maiores taxas (31,9% e 7,5%). Já o corte por faixa etária mostra que 38,6% das crianças brasileiras de até 14 anos atravessaram o ano de pandemia na pobreza e 8,9% na pobreza extrema. Entre os idosos com mais de 65 anos, as taxas foram de 8,8% e 2,5%, respectivamente. No quadro simulado com a ausência dos benefícios sociais, a extrema pobreza teria atingido 17% das pessoas pretas e pardas e 7,6% das pessoas brancas, mais que o dobro do oficialmente registrado.

A Síntese de Indicadores Sociais do IBGE analisa somente a pobreza monetária, que é aquela decorrente da falta de acesso a trabalho e renda. Em sua metodologia, o estudo não leva em consideração as demais dimensões e aspectos que compõem a pobreza estrutural no Brasil, como moradia, saneamento básico e acesso à educação e saúde, entre outros. O quadro brasileiro é complexo e, para que o País chegue um dia à condição de dar dignidade social à totalidade de seu povo, será preciso avançar para muito além dos auxílios emergenciais. •

PROPORÇÃO DE PESSOAS EM POBREZA E EXTREMA POBREZA
Por recebimento de programas sociais (%)

POBREZA (US$ 5,50 PPC)
- Sem benefícios dos programas socias[1]
- Com benefícios dos programas socias

EXTREMA POBREZA (US$ 1,90 PPC)
- Sem benefícios dos programas socias[1]
- Com benefícios dos programas socias

[1] Cenário simulado com rendimento domiciliar *per capita* sem a presença de benefícios de programas sociais
Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – 2021

GOVMA E ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP

Alguém tem de ceder

ELEIÇÕES 2022 Da esquerda à direita, as federações partidárias esbarram na falta de acordos sobre as disputas estaduais

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

"A federação subiu no telhado." Com essa lacônica mensagem, lideranças do PSB foram informadas, na virada do ano, que o noivado entre o partido e o PT estava ameaçado. A série de ligações entre deputados socialistas nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro resultaram em uma carta redigida pela bancada para pressionar a direção nacional a retomar o plano original. O documento é endereçado ao presidente da legenda, Carlos Siqueira, e aliados que se "desinteressaram" pelo arranjo após PT e PSB chegaram a um impasse em relação a São Paulo.

O socialista Márcio França, ex-governador do estado, e o petista Fernando Haddad são pré-candidatos ao Palácio dos Bandeirantes e também fiadores da aproximação entre o ex-presidente Lula e Geraldo Alckmin. França diz que deixa a disputa e concorre a uma vaga no Senado somente se o ex-tucano se filiar ao PSD e se candidatar ao governo paulista. A demora de Alckmin em decidir seu futuro contribuiu para desmobilizar as tratativas. Já Lula e o PT nem sequer avaliam retirar a pré-candidatura de Haddad.

"Em primeiro lugar, nós não vamos fazer federação com ninguém, principalmente com o PT, antes de ter um acordo geral sobre os apoios que nós precisamos. Em segundo lugar, a rigor, nós não precisamos de federação alguma para disputar as eleições", disse Carlos Siqueira ao jornal *O Globo* em dezembro. Em férias com a família até meados de janeiro, ele não quis retomar o assunto ao ser procurado por *CartaCapital*. Caso o projeto da federação perca força, ele corre o risco de ficar sem o controle da direção do partido para França, avaliam lideranças da agremiação.

"Como o PT não quis abrir mão em São Paulo, França desmobilizou os delegados do estado, junto às lideranças de Pernambuco, que, somadas, possuem 52% do diretório nacional. E olha que eles contam com Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Espírito Santo", contou um deputado federal que preferiu não ser identificado. Segundo o deputado, além de Fran-

O noivado do PT com o PSB ainda não vingou e já tem quem aposte em um "divórcio pré-datado"

ça, os grupos de Rodrigo Rolemberg, ex-governador do Distrito Federal, de Renato Casagrande, governador do Espírito Santo, e de Beto Albuquerque preferem não seguir com as tratativas da federação e formar uma espécie de "frente ampla". Há também a perspectiva de enfraquecimento da bancada estadual do PSB na Assembleia Legislativa, que deve reduzir de seis para dois, uma vez que, segundo a *Folha de S.Paulo*, quatro devem migrar para outras legendas, reduzindo o poder de barganha do PSB paulista.

O movimento acendeu a luz vermelha nos parlamentares que temem o encolhimento da bancada, caso a federação não ocorra. Por isso fizeram o movimento de fortalecer a federação para evitar a perda de 15 a 20 deputados federais. Além da bancada na Câmara, 21 dos 26 dirigentes estaduais do PSB também aprovam a federação com o PT, PCdoB e PV. Da mesma forma, são feitas conversas com a Rede e o PSOL.

Vice? A aliança de Lula com Alckmin também é indigesta para a militância

No início de dezembro, o ministro Luís Roberto Barroso confirmou a constitucionalidade das federações partidárias e colocou um prazo para o registro de até seis meses antes do pleito. As federações precisam seguir as mesmas regras dos partidos políticos e são válidas por quatro anos. Elas funcionam como um partido só, com estatuto único, inclusive. Com a cláusula de barreira vigente para 2022 – que exige que o partido tenha 2% dos votos válidos no País ou eleja ao menos 11 deputados em nove estados –, alguns partidos, como o PCdoB, podem perder o direito de representação no Legislativo e acesso ao fundo partidário e à televisão. Com a federação essas regras são cumpridas em conjunto.

O prazo exíguo para negociar as federações e a obrigatoriedade de manter o "casamento" por quatro anos, incluindo as eleições municipais de 2024, levaram dirigentes e deputados a pensarem em uma saída classificada como "casuística" por alguns: um divórcio "pré-datado". Depois da posse em 2023, a lei das federações seria reformulada ou derrubada e liberaria os partidos federados para o pró-

CRISTINA SZUCINSKI/ANADOLU AGENCY/AFP E RICARDO STUCKERT

ximo pleito. A facilidade reside no fato de as federações terem sido aprovadas a partir de um projeto de lei, e não por emenda constitucional, a demandar maior número de votos para serem alteradas.

Se no PSB o interesse pela federação esfriou, no PT não é diferente. Diante das pesquisas eleitorais – incluindo a que atribuiu ao PT 28% da preferência do eleitorado – e às exigências feitas pelo PSB de ocupar a cabeça de chapa em alguns estados, aliados do ex-presidente Lula que conversaram com *CartaCapital* já falam sobre deixar de lado a federação e formar apenas a coligação majoritária. Esta seria a saída, por exemplo, para o impasse em São Paulo, onde Guilherme Boulos, do PSOL, França e Haddad sairiam candidatos no primeiro turno apoiando Lula à Presidência da República, com acordo de apoio mútuo para o segundo turno.

Em recente entrevista a *O Globo*, Haddad defendeu palanques múltiplos e o apoio nacional a Lula. Defensores da federação argumentam que o estatuto unificado pode prever múltiplos palanques. Em reunião do Diretório Nacional realizada em dezembro, o PT aprovou uma resolução jogando para este ano a decisão de eventual federação. A presidente Gleisi Hoffmann é uma das articuladoras do processo e tem promovido as conversas com os partidos aliados. Os meses de janeiro e fevereiro serão cruciais para o sucesso ou não das tratativas.

"Não há possibilidade de ceder para o PSB e tirar a pré-candidatura de Haddad. Já estamos com Flávio Dino (que sai para o Senado) no Maranhão, o Marcelo Freixo que sai para o governo do Rio de Janeiro. Podemos discutir estados, mas sem esse ultimato", afirmou um deputado petista, referindo-se à exigência do PSB de ter cabeça de chapa em outros três estados: Acre, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Além de São Paulo, outro nó a desatar é no Rio Grande do Sul, onde o PT possui

O Cidadania flerta com MDB e Podemos, mas as conversas têm avançado mesmo é com o PSDB de Doria

como pré-candidato Edgard Pretto, e o PSB exige Beto Albuquerque na cabeça de chapa. Pesquisa Atlas divulgada em dezembro mostra Pretto na dianteira com 18,6%, o ministro de Bolsonaro Onyx Lorenzoni com 17,8% e Albuquerque com 7,8%. "Estou conversando com o Beto e combinamos de cada um seguir com sua estratégia até o ano que vem para falarmos disso (*federação*)", desconversa Pretto.

Há dificuldades também em estados que não constam na lista de exigências do PSB, como o Distrito Federal. No Cerrado, o imbróglio envolve o ex-ministro de FHC e ex-presidente da Petrobras de Temer Pedro Parente. Isso porque seu filho, Rafael Parente, é candidato pelo PSB.

Pedro teria, inclusive, comunicado pessoalmente ao ex-presidente Lula durante uma visita a Brasília que seu filho é candidato e pedido apoio. Mas o PT conta com dois nomes: Geraldo Magela e Rosilene Corrêia, diretora do Sindicato dos Professores do Distrito Federal. Para o Senado, seria a deputada Erika Kokay. Lá, lideranças também afirmam que têm dificuldades em apoiar o candidato do PSB pelo fato de ele ter sido secretário de Educação de Ibaneis Rocha, quando a militarização das escolas foi aprovada. Parente alega que deixou o governo justamente por ser contra a proposta.

No Maranhão, parte do PT quer apoiar o candidato o PDT Weverton Rocha, já apostando na "desidratação" de Ciro Gomes, e outra parte topa apoiar o vice-governador Carlos Brandão (PSDB). Pesa ainda o fato de o PSB ter apoiado Aécio Neves em 2014, parte da bancada ter sido favorável ao golpe contra Dilma Rousseff e o fato de parlamentares votarem pontualmente a favor de pautas do governo.

PSB. Carlos Siqueira corre o risco de perder a direção do partido para Márcio França

Doria. O presidenciável tucano busca se aproximar do Cidadania de Roberto Freire

Além da federação supracitada, o PCdoB também avalia se juntar ao PSOL e à Rede. O Cidadania, por sua vez, está conversando com PSDB, Podemos e MDB.

No PCdoB, uma das legendas ameaçadas pela cláusula de barreira, o imbróglio se dá em torno do formato da federação e da linha programática dos partidos. De um lado, um grupo que defende fazer parte da união com PT e PSB, principalmente estados do Nordeste, e, de outro, há aqueles que preferem se aliar com PSOL e Rede, ou com um e outro.

"O PT já é uma federação e o PSB, com a entrada de Alckmin, também fica grande. Tenho a impressão de que, para produzir uma articulação de esquerda de fato, é interessante uma união com o PSOL e com a Rede, para construirmos um programa com inspiração socialista que conecte os jovens e também apoie a candidatura de Lula", avalia o deputado Orlando Silva.

No PSOL, a prioridade é formar bancadas, por isso a legenda mantém as conversas sobre federação com os partidos, mas deu início a uma série de encontros regionais chamada "PSOL Pelo Brasil". Segundo o presidente nacional do partido, Juliano Medeiros, a federação tende a ajudar a formar bancadas em estados onde o PSOL não alcançou o quociente eleitoral ou ficou próximo.

Apesar de priorizar bancadas, o PSOL fechou por unanimidade a pré-candidatura de Guilherme Boulos ao governo de São Paulo – onde mantém conversas com PDT, Rede e PCdoB, para tentar construir uma coalização em torno do líder do MTST – e articula palanques em outros estados, como no Rio Grande do Sul, com o vereador Pedro Ruas, no Paraná, no Espírito Santo e no Distrito Federal com Raphael Sebba.

Na centro-direita, o Cidadania chegou a ser reunir com o presidente nacional do MDB, deputado federal Baleia Rossi, e com o Podemos, mas as conversas têm avançado mesmo com o PSDB do governador paulista João Doria, pré-candidato à Presidência. No último encontro antes do Natal, Doria participou da reunião sobre uma possível federação com o Cidadania.

Assim como outros partidos, o prazo para negociar os palanques também dificulta as conversas. É o caso da Paraíba, governada por João Azevedo, do Cidadania, e onde os tucanos fazem oposição. Nesses casos, o Cidadania pensa em ceder aos mandatários a responsabilidade de conduzir as negociações e encontrar consensos. Roberto Freire, dirigente nacional da sigla, chegou também a procurar o PV, quando o projeto das federações foi aprovado em agosto, mas as conversas não evoluíram.

"Nós superamos a cláusula de barreira em 2018 e avaliamos que para este ano temos chances de superar o desempenho, então isso não é o fundamental. Acho que neste sistema você vai ter partidos com maior capilaridade em nível nacional, e isso poderá ter efeito positivo. O apoio à federação é o embrião de novos partidos, como, por exemplo, a Frente Ampla uruguaia, que tem mais de 50 anos", afirma Freire. O Cidadania atualmente possui sete deputados federais e três senadores. •

Respeitem o Nordeste

ENTREVISTA A região deu exemplo na pandemia e está vacinada contra iniciativas meramente eleitoreiras, avalia Wellington Dias

Governador do Piauí pela quarta vez, Wellington Dias assumiu papel de destaque no enfrentamento à pandemia da Covid-19 e ao negacionismo do governo Bolsonaro. Na condição de presidente do Consórcio Nordeste, privilegiou a ciência e foi incisivo na defesa da vacina, assumindo essa luta também no Fórum Nacional dos Governadores. Agora se prepara para passar o bastão ao governador de Pernambuco, Paulo Câmara, que assume, ainda este mês, o comando do consórcio. Na entrevista a seguir, o petista faz um balanço da sua gestão, fala de política e do papel do Nordeste nas eleições. A íntegra, em vídeo, está disponível no canal de *CartaCapital* no YouTube.

Aposta na ciência

No enfrentamento à Covid-19, destaco a importância do comitê científico, primeiro coordenado pelo doutor Miguel Nicolelis, depois pelo ex-ministro Sérgio Rezende, um comitê com, aproximadamente, 4,8 mil cientistas do Brasil e do mundo. Resolvemos seguir a ciência, com a organização de 18 câmaras temáticas. Cada uma delas tem uma equipe técnica, além das secretarias de diferentes órgãos, representantes da academia, setor privado integrado com os municípios, e o resultado é uma política que deu certo no estado e acabou transformada em política regional. É, provavelmente, o mais importante passo para o médio e longo prazo.

Trabalho coletivo

A grande diferença do Nordeste foi a capacidade de integração entre municípios, estados, áreas federais e o setor privado. Se o Brasil tivesse seguido as políticas que adotamos no Nordeste, possivelmente teríamos mais 250 mil brasileiros vivos entre nós. Perdemos essas pessoas em razão do descaso, de não seguir a ciência e de não levar em conta a própria experiência brasileira com vacinas e combate a epidemias. Os estados do Nordeste destacam-se como aqueles com melhores condições em relação à vacinação. O Piauí, para citar um exemplo, tem o segundo maior porcentual de população imunizada do País. Criamos uma rede social para amparar quem perdeu o emprego, quem voltou a ser ameaçado pela fome... Criamos o programa Nordeste Acolhe para os órfãos da pandemia. Viabilizamos um auxílio de meio salário mínimo para assegurar condições mínimas de alimentação e sustento às famílias. Ao mesmo tempo, trabalhamos para gerar emprego e atrair investimentos, mas sem descuidar um minuto sequer da agenda social.

> "O povo nordestino sabe distinguir uma política de Estado de avanços propiciados por um governante"

O voto nordestino

Temos sempre de respeitar sua excelência, o povo. Temos na região uma população que ao longo do tempo sofreu discriminação e armadilhas que tinham por objetivo a destruição da sua imagem. Quantos preconceitos foram colocados em relação ao Nordeste? Tudo que tinha de ruim no Brasil, a culpa era do Nordeste. A gente compreende o que aconteceu com Lula: na ganância, no interesse espúrio de não dar a ele a oportunidade de participar da eleição de 2018, montou-se um drama e as pessoas de bem foram levadas na onda que criou um verdadeiro ódio contra o Partido dos Trabalhadores, contra um campo político. Hoje, isso está mais claro e cresce cada vez mais a compreensão do que estava em jogo. Vem também a lembrança de um legado. O que foi o Brasil entre 2003 e 2010, quando Lula foi o presidente e mesmo na fase de Dilma? Viam-se políticas para a saúde, educação, ações voltadas para erradicar a pobreza, para acelerar o crescimento econômico. Essa lembrança a população tem e tem como um Brasil que

O governador fez um balanço de sua gestão à frente do Consórcio Nordeste

vinha em todas as regiões tendo melhoras. Eu creio que a eleição de 2022 será um reencontro do Brasil, uma retomada. Não é fácil, a destruição que se fez é muito grande. É preciso um governo da reconstrução nacional.

Auxílio Brasil e eleições

O benefício não deixa de ser um fator de dependência financeira e de gratidão da população. O nordestino é bastante grato a quem o ajuda. A consciência política da região é, porém, muito maior. As pessoas sabem o que é uma responsabilidade institucional, separam aquilo que é oferecido por um governante e uma política de Estado. É preciso lembrar como se deu a construção do auxílio no Congresso Nacional. Nosso campo político lutou por isso e não era esse valor que o governo queria, era de 200 reais. Ao mesmo tempo, fizeram de um jeito que deixou muita gente de fora. Isso também vai ser observado. O povo quer voltar a ter esperança. Nesse sentido, não tenho dúvida de dizer que Luiz Inácio Lula da Silva é mais que um homem, uma pessoa física ou um líder político. Ele é um símbolo de esperança, um símbolo de luta, de transformação de sonhos e realidade. Tudo isso pesa no Nordeste e vai pesar em outras regiões do Brasil.

Aliança com Alckmin

Existe no Brasil dois campos distintos: um que defende a democracia e outro saudosista da ditadura; um que defende a soberania em relação a outros países e outro que é subalterno; há um campo que defende uma política de respeito ao meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras e há outro que não está nem aí para a área ambiental; um campo que respeita e tem um projeto de desenvolvimento, que pensa no econômico e no social, e há outro que tem um projeto só de entregar. Fiquei muito animado com a possibilidade de Alckmin se filiar a um partido desse campo político e, ao mesmo tempo, se colocar à disposição para um diálogo.

Federação partidária

O Brasil tem um problema sério, que é a necessidade de uma reforma política. Eu mesmo tenho dito ao presidente Lula que a gente teve a oportunidade, em um dado momento, de fazer uma reforma para valer e não fizemos. O mundo inteiro vota a partir de um projeto de Estado. Sou defensor, nessa conjuntura, da federação. •

- A Fabíola Mendonça.

Eleições paralelas

ANÁLISE Há mais diferenças do que semelhanças entre a disputa chilena e a corrida presidencial no Brasil

POR ALDO FORNAZIERI*

As linhas das eleições realizadas no Chile em 2021 e aquelas que se realizarão no Brasil em 2022 são mais paralelas do que interseccionais. Existem mais diferenças do que semelhanças. Os dois países atravessaram ditaduras. A do Chile foi unipessoal. A brasileira teve vários ditadores. Pinochet foi muito mais brutal do que os generais brasileiros. O Brasil fez uma transição com uma Constituinte e com uma Constituição democrática. O Chile só agora começa uma Constituinte e elabora uma Constituição pós-ditadura.

A lista das dessemelhanças é grande, mas nos concentremos nas eleições. A provável vitória de Lula será fruto de um processo lógico da política. Enquanto líder, Lula projetou sua liderança nacional ainda como sindicalista, fundou um partido de massas, foi um dos artífices da redemocratização, concorreu a quatro eleições presidenciais para vencer, saiu da Presidência com uma avaliação extraordinária, viu o *impeachment* da Dilma Rousseff e terminou preso. Com a anulação dos processos, readquiriu a condição de ser candidato no contexto do desastre absoluto do atual governo.

Gabriel Boric nasceu em 1986, estudou Direito e sua formação política deu-se no pós-Guerra Fria. Tornou-se líder estudantil e presidiu a Federação dos Estudantes da Universidade do Chile ao derrotar Camila Vallejo, que concorria à reeleição e era ligada à Juventude Comunista do Chile. Camila havia se projetado como a líder das manifestações estudantis de 2011. Coube a Boric liderar a segunda parte dos protestos que continuaram em 2012.

No movimento estudantil e na vida parlamentar, Boric agiu por fora dos partidos. Integrou o grupo Estudantes Autônomos e, depois, elegeu-se deputado em 2014, como candidato independente. Reelegeu-se em 2017 da mesma forma. Na Câmara dos Deputados deu prioridade ao trabalho em Comissões de Direitos Humanos e Povos Indígenas, Zonas Extremas da Antártida e Trabalho e Previdência Social. Inscreveu-se como candidato a presidente em fevereiro de 2021. Mas, como existiam vários grupos de esquerda que pretendiam lançar candidatos, formou-se uma coalizão de grupos e partidos chamada de Apruebo Dignidad. Para definir o candidato da coalizão foi feita uma prévia interna, na qual Boric venceu o prefeito da Ricoleta (uma comuna de Santiago), Daniel Jadue, que liderava a corrida presidencial em algumas pesquisas.

Boric representa a inovação. Lula, a reconstrução

O resto da história é mais conhecido. No primeiro turno, o candidato de extrema-direita, José Antonio Kast, fez 27,91% dos votos e Boric, candidato de uma coalização chamada Convergência Social, fez 25,83%. A vitória de Boric no segundo turno foi elástica: 55,87% contra 44,13% de Kast.

Qual é a conclusão dessa breve síntese? Resposta: Boric é um vencedor improvável. Lula, por sua vez, é o provável vencedor. Boric saiu do desconhecido para se tornar presidente. Lula apoia-se em vasta popularidade para retornar à Presidência.

No Chile são dois fatores principais que explicam a vitória de Boric: **1.** A crise dos partidos tradicionais de centro-esquerda, Partido Socialista e Partido Democrata Cristão, que formaram a *Concertación* e governaram o Chile de 1990 a 2010 e voltaram com Michele Bachelet em 2014. Os partidos de direita, que estiveram no poder nos dois mandatos de Sebastián Piñera, também estão em crise, o que permitiu a ascensão de Kast. **2.** Um processo vitorioso de manifestações e lutas populares que abarca as mobilizações estudantis de 2011 e 2012 e os grandes protestos de 2019 e 2020 que levaram à convocação da Assembleia Constituinte.

Tanto os governos de centro-esquerda quanto os de direita, no Chile, não resolveram questões sociais graves,

MARTIN BERNETTI/AFP

Transição. O jovem Boric ocupou o vácuo da centro-esquerda, que não enfrentou os problemas históricos

como os problemas previdenciários e de aposentadoria, de acesso às universidades e de baixos salários, saúde pública etc. As administrações da *Concertación,* tal como os governos do PT no Brasil, se caracterizaram por um reformismo fraco, para usar um termo cunhado por André Singer. O reformismo fraco pode ser caracterizado como ausência de reformas que removam, de forma estrutural, os principais mecanismos que geram a desigualdade e impedem a garantia de direitos. As políticas sociais focadas, embora necessárias, não resolvem esse problema.

No Brasil, as esquerdas têm acumulado derrotas: queda de Dilma, prisão de Lula, reformas trabalhista e da Previdência, fracassos do Fora Temer e Fora Bolsonaro, entre outros. A capacidade de mobilização é frágil. A Operação Lava Jato e o *impeachment* de Dilma não produziram apenas uma crise no PT, mas em todo o sistema partidário. A eleição de Bolsonaro foi consequência dessa crise.

O desastre do governo Bolsonaro, contudo, permitiu uma recuperação, principalmente do PT, mas também dos outros partidos. No Chile, diversamente, a crise social e dos partidos proporcionou a emergência de novos movimentos políticos autônomos e de uma nova esquerda, que dirigiram os protestos e venceram eleições. Boric foi eleito como presidente da inovação e da mudança. Lula deverá ser eleito como presidente da restauração e da reconstrução. •

**Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.*

Seria ele a terceira via?

Uma régua para Moro

OPINIÃO Juiz parcial, ministro medíocre, mau advogado, homem público canhestro... O que se pode esperar mais?

POR GABRIELA ARAÚJO, FABIANO SILVA DOS SANTOS E MARCO AURÉLIO DE CARVALHO*

As eleições podem ser uma boa oportunidade para conhecermos melhor o ex-juiz Sergio Moro e, por que não, para até mesmo julgá-lo. Se estiver realmente disposto a participar do jogo democrático, ele terá a oportunidade de apresentar suas ideias e de defendê-las publicamente em debates e entrevistas. Apesar de ter ocupado um enorme espaço na mídia e nas redes socais, o ex-juiz é um personagem pouco conhecido, quase misterioso. Ele ganhou fama ao mandar prender políticos e empresário ricos. Na maioria das vezes, de forma seletiva e sem a observância dos limites da própria lei que dizia aplicar. Recebeu homenagens e desfilou em tapetes vermelhos mundo afora. O Brasil chegou a respirar aliviado, acreditando ter encontrado seu cavaleiro destemido na luta contra a corrupção.

Moro, no auge da fama, deixou o cargo de juiz para ser ministro de Jair Bolsonaro, que ajudou a eleger com o apoio decisivo e determinante dos "filhos de Januário", os "meninos dourados de Curitiba". Visto desde o início como candidato competitivo em uma eventual disputa pelo cargo do chefe Bolsonaro, Moro sucumbiu à vaidade e passou a circular pelo País com um ego que só não era maior que a sua falta de caráter e cinismo. Hoje, talvez, esse ego concorra com a vergonha que deveria sentir por ter comprometido a credibilidade do nosso sistema de Justiça.

O caldo começou a azedar, entretanto, quando uma série de áudios vazados revelaram os métodos pavorosos de trabalho do ex-juiz. Muitas das arbitrariedades denunciadas por advogados de réus da Lava Jato desde seus primórdios vieram a público narradas em primeira pessoa. O trabalho de Moro foi aplaudido efusivamente por seus pares, até que uma decisão do Supremo Tribunal Federal o considerou parcial. Segundo o STF, ele cometeu o pecado maior que pode ser atribuído a um juiz: em vez de julgar, valeu-se de suas prerrogativas para favorecer de forma injusta e injustificada um dos lados. Nos últimos meses, várias de suas decisões foram reformadas. Foi como se parte da opinião pública descobrisse que o médico antes aclamado por salvar vidas era na verdade o responsável por ministrar o veneno de que padeciam seus pacientes.

Moro, desmascarado e enfraquecido, rompeu com o bolsonarismo e saiu acuado de um governo que entrou para a história por seus inúmeros e significativos fracassos e retrocessos. Seus admiradores e entusiastas têm, contudo, uma teoria quase pronta. Defendem seu legado de caçador de corruptos e afirmam que seus oponentes o temem por suas virtudes e qualidades. Ora, vale a pena então um exame mais detalhado de Moro, nos diversos papéis que desempenhou recentemente.

Como juiz. Imparcialidade é o que se espera de um magistrado acima de tudo. É seu dever agir com bases técnicas, legais e intelectuais diante de um contraditório livremente debatido, com equanimidade, com paridade de armas.

Moro fez armações espúrias com procuradores, intimidou réus e testemunhas, grampeou advogados, ignorou provas e vazou documentos seletivamente para prejudicar investigados, desrespeitando assim as regras processuais que deveria garantir. Por essa medida, foi um mau juiz. Para dizer o menos.

> **Resta ver como ele se comporta na campanha**

Como ministro. O que se espera de um bom ministro é a habilidade para implementar e executar programas de governo em benefício da sociedade. Moro aceitou o cargo de ministro da Justiça sob o pretexto de que no governo estaria mais bem posicionado para enfrentar a corrupção. Tentou avançar na aprovação de dez medidas que considerava fundamentais. De cara, seu projeto desagradou a juristas e foi rejeitado em vários segmentos da sociedade. Não conseguiu catalisar apoio no Congresso nem mobilizar a sociedade para sustentá-lo. Foi incapaz de convencer seu próprio chefe, Bolsonaro. Deixou o governo humilhado, após uma passagem apagada, sem nenhum legado. Foi um péssimo ministro.

Como advogado. Um bom advogado deve fazer o que estiver a seu alcance para defender seus clientes, dentro dos limites da ética, da lei e da Justiça. Depois que saiu do governo, Moro foi contratado como advogado da consultoria jurídica Alvarez&Marsal, administradora judicial da Odebrecht, uma das empresas mais atingidas por suas ações durante a Operação Lava Jato. Poucos movimentos de profissionais produziram tantas surpresas e indignação. Moro ignorou a ética e mudou de lado sem revelar qualquer desconforto. Não agiu como se espera de um bom profissional. Foi um mau advogado. Seu despreparo técnico e sua falta de cultura jurídica são características que sempre o acompanharam nas atividades jurídicas e políticas que abraçou.

Como homem público. Grandes homens públicos são aqueles que, acima de tudo, dão bons exemplos e conseguem colocar os interesses comuns acima dos seus. Moro prometeu que seria sempre juiz e correu para agarrar um convite a ministro. Escolheu um lado quando deveria ser imparcial. Aceitou um emprego cheio de mistérios, apesar de um evidente conflito ético. Prometeu que não disputaria eleições, mas está filiado e fala como candidato. Nesse campo, Moro dá péssimos exemplos.

Como político. Alguns acham que bons políticos são aqueles que se guiam pela lógica de que qualquer estratégia é válida para atingir os objetivos desejados. Se for julgado por essa medida, Moro é um verdadeiro príncipe.

Cada detalhe conhecido sobre seu trabalho na Lava Jato confirma a tese de que ele era movido por uma obsessão: tirar das eleições de 2018 o ex-presidente Lula, que liderava todas as pesquisas eleitorais de forma indiscutível. Moro mandou Lula para a cadeia e Bolsonaro para o Planalto. No sentido mais sujo e selvagem da política, tornou-se um de seus ilustres representantes.

O ex-presidente Lula reconquistou seus direitos políticos. Foi absolvido de todas as acusações indevidamente imputadas. Nas várias voltas que o mundo dá, quem diria, Moro tem perdido de lavada na Justiça, onde várias de suas sentenças são anuladas, justamente onde se esperava que tivesse suas bases mais sólidas. Bolsonaro, seu ex-chefe, fugiu de todos os debates. Moro ainda pode tentar dar um bom exemplo. Se tiver coragem de enfrentá-los, será muito interessante avaliá-lo nessa arena. Quem sabe descobriremos quem é de fato Sergio Moro. •

**Coordenadores do Grupo Prerrogativas.*

DANILO MARTINS/PODEMOS 19

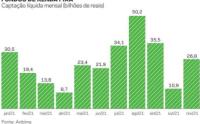
O ano da cautela

INVESTIMENTOS Diante das incertezas econômicas e da expectativa eleitoral, a renda fixa vai dominar as opções de 2022

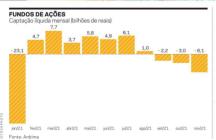
POR CLEIDE SANCHEZ RODRIGUEZ E WILLIAM SALASAR

Do início de 2021, com a taxa básica de juros, a Selic, em 2% ao ano, até agosto do ano passado, quando ela passou a 4,25%, o mercado de ações prosperou. O Ibovespa registrou a maior pontuação da história – 136.776 pontos, em 6 de junho – e a B3 comemorou o registro de 4 milhões de investidores pessoas físicas na Bolsa – outro recorde. Mas a maré virou. Com a rápida subida da Selic para os atuais 9,25% ao ano, o protagonismo da Bolsa, com sua fieira de 49 IPOs (*ofertas públicas iniciais de ações,* na sigla em inglês), feneceu de junho em diante, alvejado pela turbulência política e pela instabilidade fiscal, que afugentou os investidores, inclusive os estrangeiros, e vitaminou a alta do dólar, da inflação e dos juros. Com isso, enquanto mundo afora os principais índices de ações encerraram 2021 com altas recordes, aqui o Ibovespa amargou uma queda expressiva, de 11,93%, aos 104.822,44 pontos registrados no último pregão do ano. Ressabiado, o investidor foi buscar refúgio na renda fixa.

Os dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais são eloquentes: no acumulado do ano, até novembro, os fundos de ações tiveram resgates líquidos de 426,4 milhões de reais, enquanto os fundos de renda fixa tiveram captação líquida de 275,2 bilhões em 2021. "Foi a primeira vez que a Bolsa fechou o ano em baixa, depois de cinco anos", lamenta o *head* de Renda Variável da Veedha Investimentos, Rodrigo Moliterno. Segundo ele, as perspectivas de abrandamento da pandemia e de retomada dos negócios, em vista de a variante Ômicron, apesar de mais contagiosa, ser menos letal, impulsionam as Bolsas do mundo – mesmo num contexto de retirada dos estímulos monetários e fiscais adotados para mitigar os efeitos da crise sanitária e de esperado início da alta dos juros básicos, sobretudo nos Estados Unidos. "O Brasil não consegue acompanhar, devido à questão macro: inflação elevada, nível de juros alto e insegurança fiscal."

Para Enrico Cozzolino, da casa de análise Levante Ideias de Investimento, as principais variáveis que moldaram os mercados no ano passado deverão permanecer: um cenário fiscal complexo, ainda mais devido ao ano eleitoral, uma inflação resistente, que vai demorar a baixar, pedindo uma política monetária estrita, e uma eleição presidencial que promete ser tudo menos tranquila. "Estes não são ingredientes para uma Bolsa em alta e uma economia reto-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 44
Capital S/A. Sobra dinheiro no mundo para fusões e aquisições

ISTOCKPHOTO

mando tração", sublinha. "É muito difícil traçar qualquer tipo de cenário, simplesmente porque vamos entrar em um ano eleitoral, em que os principais candidatos têm inclinações bastante populistas, o que, levando em conta o nosso cenário fiscal, deve gerar volatilidade, muita volatilidade", complementa Flávio de Oliveira, *head* de Renda Variável da Zahl Investimentos.

Na primeira divulgação de 2022 do *Relatório Focus*, em que semanalmente o Banco Central apresenta os resultados de sua pesquisa de projeções de cem economistas do mercado financeiro, as estimativas para o IPCA (índice de inflação oficial) de 2022 indicam um segundo ano

consecutivo de rompimento da meta. A projeção desta edição ficou em 5,03%, contra 5% do teto da meta deste ano. Para 2021, a mediana cedeu marginalmente de 10,02% para 10,01%, mas é quase o dobro do limite superior da meta para a inflação, que é de 5,25%. Quanto a 2023, a expectativa da inflação voltou a subir e a se afastar do centro da meta do ano que vem (3,25%), passando de 3,38% para 3,41%. Para 2024, a mediana continuou em 3%. Entretanto, os economistas do mercado financeiro mantiveram pela terceira semana consecutiva a projeção de 11,50% para a taxa Selic no fim de 2022, assim como para o fim de 2023 (8%) e 2024 (7%).

Em relação à expectativa para o Produto Interno Bruto, que na última semana de dezembro era de um crescimento de 0,42%, foi rebaixada para 0,36%. Há quatro semanas, a projeção era de uma alta de 0,51%. Um ano atrás, os economistas consultados pelo BC projetavam que a economia cresceria 2,5% neste ano – uma eloquente ilustração de como as expectativas se deterioram, principalmente no segundo semestre, em razão da interminável crise político-fiscal produzida por Brasília. Nesse contexto de estagflação, isto é, preços em alta com atividade econômica em baixa, e juros em ascensão, a renda fixa torna-se mais atrativa, não só pelos rendimentos de dois dígitos que ela pode oferecer, mas, sobretudo, por ser um recurso de proteção do patrimônio. Analistas e gestores, entretanto, advertem que há diferentes modalidades de títulos de Renda Fixa, com possibilidades de retorno específicas. As opções são variadas, desde os tradicionais CDBs (Certificados de Depósito Bancário), que têm garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC) no limite de 250 mil reais, até as Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e do Agronegócio (LCA), isentas de Imposto de Renda, até os títulos do Tesouro, como as NTN-B (Notas do Tesouro Nacional série B) atreladas à inflação, as LTNs (Letras do Tesouro Nacional) e Tesouro Selic. Basicamente, os papéis de renda fixa podem ser prefixados, com uma taxa de rentabilidade fixa (10% ao ano, por exemplo) e o investidor sabe exatamente quanto terá de dinheiro no futuro, ou pós-fixados, quando são corrigidos por algum índice, como o IPCA (inflação), pela Selic (juros) ou pelo CDI (Certificado de Depósito Interbancário), que oscilam ao longo do tempo, de modo que o rendimento será conhecido apenas na hora do regaste.

Marília Fontes, analista de Renda Fixa e sócia fundadora da casa de análise Nord, alerta: "A depender do título, as taxas e os preços podem variar diariamente até a data do vencimento, resultando no famoso efeito de marcação a mercado. Nesses casos, os ganhos são fixos caso o investidor carregue o título até o seu vencimento, e a marcação a mercado, cujo efeito está relacionado aos juros futuros da economia, tem uma participação direta nesse processo", explica. "A renda fixa não é fixa, ao contrário do que se imagina."

Mesmo na renda fixa é preciso ficar atento às variações dos preços dos títulos

Aperto. Os juros básicos rumam para 11% ao ano, o que inibe as aplicações na Bolsa de Valores

A marcação a mercado é a avaliação diária dos preços dos diversos ativos, que flutuam conforme alguma variável do próprio mercado, como detalha a Anbima, que divulga, diariamente, um referencial de preços dos títulos públicos e privados. O exemplo mais comum de marcação a mercado é o das ações, cujos preços variam conforme a procura pelos papéis durante os pregões na B3. Logo, o valor de uma carteira de ações é corrigido diariamente pelas cotações de cada uma delas no mercado. Mesmo no mercado imobiliário há oscilações de preços, pois os valores dos imóveis podem subir ou descer conforme a região em que estão localizados. Sem a marcação a mercado, o mais comum é pensar que o valor do imóvel continua o mesmo ao longo do tempo. Isso acontece também com os títulos de renda fixa, sejam públicos ou privados, pois eles também são negociados diariamente no mercado e seus preços oscilam, assim como as ações na Bolsa.

Fontes dá o exemplo dos papéis atrelados ao IPCA, que são títulos híbridos com um componente pós-fixado, isto é, seu valor original é corrigido pela inflação, mas traz um componente prefixado, que é o juro real. Se a inflação subir muito, de modo a fazer o mercado *reprecificar* de maneira ainda mais forte a necessidade de juros para cima, o componente prefixado (juro real) sobe e gera uma marcação a mercado *negativa*. Quando se trata de um IPCA com prazo longo, por exemplo, o risco com a situação fiscal do País acaba por ter grande relevância na tomada de decisão de investimento. Se há o risco de o componente fiscal piorar, o juro real pode subir e gerar prejuízo de marcação a mercado. Isso se o investidor vender o título antes da data do vencimento (como vender o apartamento e transformá-lo em dinheiro não pelo valor pago, mas pelo valor que o mercado precifica naquele momento). O problema de manter o título até o vencimento é que o investidor pode perder a oportunidade de aplicar a taxas bem maiores, caso o juro real suba.

Os especialistas em renda fixa Victor Zucchi, da Valor Investimentos, e Caique Coutinho, da Veedha Investimentos, apostam na preferência pelos pós-fixados atrelados à inflação ou CDI, como CDBs e as NTN-B, que possibilitam ao investidor se apropriar de toda a trajetória de alta das taxas de juro da Selic até 11,25% ao ano, que está no horizonte de 2022. Zucchi aponta um paradoxo: um título mais "curto" com rentabilidade maior do que um título mais "longo". "Comparando NTN-B 2023 com uma NTN-B 2050, a primeira está pagando mais, ou seja, o mercado está vendo um estresse de juros mais alto por causa do ano eleitoral", diz. A mesma perspectiva de alta da Selic que embala os pós-fixados é letal para os prefixados, cujo rendimento não se altera. "E mesmo com a possibilidade de a inflação começar a ceder, os títulos corrigidos pela IPCA pelo menos protegem a carteira da corrosão inflacionária", sublinha Coutinho. "O cenário é de cautela, muita cautela", pondera Oliveira, da Zahl. •

“OS EMPRESÁRIOS NÃO PODEM SE OMITIR DA POLÍTICA

WALTER SCHALKA, presidente da Suzano

Quem vai às compras?

▶ O setor de tecnologia é o mais cobiçado nas fusões

O mercado de fusões e aquisições de empresas deve repetir, em 2022, o bom desempenho do ano passado. Os fundos de investimento privados e as empresas com propósitos específicos para M&A (Mergers and Acquisitions) acumularam 2,4 trilhões de dólares, ou quase dois Brasis (PIB 1,445 trilhão de dólares), que estarão disponíveis para investimentos nos próximos meses. A projeção é do consultor Rodrigo Maluf Menegazzo, sócio para estratégias e transações da EY. Para o executivo, a liquidez do mercado ocasionada em resposta à pandemia impulsionou a atividade de M&A para níveis inéditos e as oportunidades de negócios em fusões e aquisições devem ser avaliadas constantemente. O setor de Tecnologia da Informação deve seguir na liderança das operações, além de segmentos mais impactados pela crise sanitária. Há um interesse em especial por empresas “em situação vulnerável, porém com ativos e marcas valiosos, nos setores de varejo, entretenimento e saúde, áreas que devem se beneficiar com a reabertura da economia”, avalia. No Brasil, diz, o cenário é de otimismo cauteloso diante do ambiente mais conturbado por causa da situação política. Com isso, os investidores podem postergar suas decisões para depois das eleições.

JACKSONVILLE PORT/JAXPORT, REDES SOCIAIS E LOCKHEED MARTIN CORPORATION

FIM DO SUFOCO

Os gargalos na cadeia global de suprimentos responsáveis pela interrupção do fluxo internacional de mercadorias e pela aceleração da inflação podem finalmente ter atingido o pico, segundo um novo indicador do Federal Reserve de Nova York. O Global Supply Chain Pressure Index documenta interrupções nas cadeias de fornecimento desde 1997. Dados recentes sugerem que as interrupções, embora historicamente altas, "podem começar a arrefecer um pouco daqui para a frente", relata o Fed.

Venda direta

A centenária Pernambucanas aderiu ao mercado de venda direta para ampliar a presença nos canais físico e digital. Qualquer consumidor poderá comprar produtos diretamente da varejista, com descontos exclusivos e suporte da *fintech* Pefisa, braço financeiro da loja, para revendê-los à sua rede de contatos, ou somente fazer a divulgação dos produtos a clientes por um catálogo virtual.

Alerta aéreo

Por precaução, a Embraer informou à Anatel que vai investigar se a tecnologia 5G interfere no sistema aéreo brasileiro. A Organização da Aviação Civil Internacional recomenda uma separação de 200 MHz em relação às frequências do 5G e dos serviços aeronáuticos. No Brasil, essa diferença é de 500 MHz e nos EUA, pouco mais de 200 MHz, sendo a causa desse alarde, segundo *O Estado de S. Paulo*. "O problema em questão aplica-se unicamente às operações no território norte-americano", diz a Embraer.

Banzai

A Toyota é a nova líder do mercado automotivo nos EUA, batendo a General Motors, que ocupava o posto desde 1931. A montadora japonesa vendeu 2,332 milhões de carros em 2021, ante os 2,218 milhões da lendária fabricante de Detroit.

NÚMEROS

73%

foi o crescimento do número de brasileiros com contas exclusivamente digitais, de 2018 até 2020, indica pesquisa da Accenture

1 milhão

de views em 2021, seu primeiro ano de existência, comemorou a Top Gain, startup de análises e educação financeira

3 trilhões

de dólares é o valor de mercado alcançado pela Apple, marca inédita na Bolsa

13

gigawatts é a nova marca do uso de energia solar fotovoltaica no Brasil, segundo a Absolar

Nosso Mundo

Um país exemplar

ITÁLIA No comando de um governo de união nacional, Draghi assume o papel de único estadista europeu

POR MINO CARTA

Já o chamavam Super Mario por sua atuação no comando do Banco Central Europeu, na defesa do Euro diante da ofensiva britânica do Brexit. A senhora Lagarde, que substituiu Draghi no Banco Europeu nunca mereceu ser chamada de Super Christine. Super Mario tornou-se, uma vez deixado o cargo, o mais importante estadista europeu, talvez o único, ao ser chamado a encabeçar o governo da Itália.

Quais são os méritos do *premier* italiano? Conseguiu formar um governo de união nacional capaz de manter sob controle todas as tentativas dos direitistas ditos soberanistas, na França tão bem representados por Marine Le Pen e Eric Zemmour. Ocorre que Draghi em nada se parece com Emmanuel Macron. Super Mario teve a sorte de poder contar no Ministério da Saúde com Roberto Speranza, um jovem quadro do ex-Partido Comunista ligado a Massimo D'Alema, grande amigo do Brasil e de Lula.

No combate à pandemia, a Itália deve muito a Speranza, o qual, tão logo surgiu no panorama político peninsular há alguns anos, foi entrevistado por *CartaCapital*, pelo nosso precioso colaborador Claudio Bernabucci. Na luta contra a Covid, a Itália funcionou de forma admirável e hoje pode frequentar, habilitada a tanto por um passaporte de imunização, cinemas, teatros, restaurantes, bares, sem contar estádios de futebol em larga parte, atrações turísticas, parques e outros locais de lazer. A depender das circunstâncias, o uso de máscaras ainda é obrigatório, mas as escolas, inclusive as superiores, estão em pleno funcionamento.

Entre todos os países europeus, a Itália é aquele onde a vacinação mais avançou. Quem hoje a visita haverá de se surpreender com o estágio alcançado na península, praticamente em todas as regiões, com o êxito das providências tomadas para conter a praga. Há quem atribua ao *premier* Draghi a intenção de disputar a Presidência da República, no momento ocupada por Sergio Mattarella, de excelente trajetória, a ponto de haver partidários da sua permanência no cargo, graças à precedente confirmação de Giorgio Napolitano. Mattarella recusa, enquanto consta que Draghi não desgostaria de substituí-lo.

Speranza, êxito no combate à pandemia

À época temia-se a investida do famigerado Silvio Berlusconi, sequioso de presidência, e Napolitano representou um anteparo, para tanto disposto a exercer uma influência política que transcendeu os tradicionais limites da função presidencial em um regime parlamentarista. Como se sabe, Napolitano venceu aquela parada com a habilidade e sutileza que todos lhe reconhecem e evitou que Berlusconi realizasse o seu sonho. Foi aquele um momento crucial da mais recente história italiana, na qual ainda se agita a triste figura do líder de Forza Italia, reduzida dramaticamente a sua dimensão política e sob o controle implacável de Super Mario.

Neste ínterim cresceu a força da Lega, liderada por Matteo Salvini, até ontem o mais perigoso dos opositores do governo.

ANDREAS SOLARO/AFP E POOL/AFP

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 48
Mão de ferro. A China endurece as regras da política de Covid zero

Super Mario tem bons motivos para sorrir

Super Mario, no entanto, soube como neutralizá-lo. A *The Economist* aponta nesta Itália de Draghi um país modelar durante 2021, exemplo válido para as demais nações europeias. Resta ver se os próprios italianos se comovem com o elogio albiônico. Ninguém esqueceu a descortesia de marca inglesa em seguida à derrota sofrida pelos britânicos no Estádio de Wembley, no derradeiro jogo da Eurocopa. Acintosamente, os ingleses recusaram-se a cumprimentar os vencedores italianos, enquanto um dos netos da rainha Elizabeth, chamado a representar o esporte e o *fair-play* albiônicos, não se dignou a cumprimentar o presidente da República, Sergio Mattarella, que ali estava para celebrar a vitória da Azzurra. •

Da presidência do BC europeu à liderança no continente

Esmagar o vírus

TheObserver Os sacrifícios impostos à população por Pequim para levar a cabo a política de Covid zero

POR EMMA GRAHAM-HARRISON

Moradores desesperados da cidade de Xi'an, no oeste da China, estão sem comida depois que foram impedidos de comprar alimentos, num feroz *lockdown*. Na província de Guangxi, no sul do país, habitantes que infringiram as leis da Covid-19 foram recentemente expostos ao escárnio público em desfiles pelas ruas em macacões de "material perigoso" com placas penduradas nos pescoços. O resto do mundo tem aprendido, devagar e com certa dificuldade, a conviver com a pandemia, mas na China as autoridades decidiram dobrar a aposta em sua política de "Covid zero": tentar eliminar a doença onde quer que ela surja, a qualquer custo. Um único caso em uma cidade de fronteira levou 200 mil chineses a serem postos em quarentena no fim do mês passado.

Um aspecto-chave da política é o fechamento das fronteiras. Mas, em 2022, Pequim segue um caminho cada vez mais solitário.

Uma combinação de vacinação em massa, pressão social e novas variantes altamente transmissíveis convenceu outros países da linha "Covid zero" – Austrália, Nova Zelândia e Cingapura – a se reabrirem lentamente para o mundo. Na China, alguns importantes cientistas e autoridades também assumiram o risco político de pedir uma reabertura semelhante, reconhecendo que parece que a Covid se tornará endêmica no mundo. Gao Fu, chefe do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, sugeriu recentemente que o país estará pronto quando a taxa de vacinação passar de 85%, talvez no início de 2022.

Outros se uniram a cientistas do exterior, advertindo que até os poderes autocráticos de Pequim e o apoio popular a *lockdowns* e outras medidas de controle talvez não sejam suficientes para manter fora as novas variantes altamente transmissíveis.

"A China terá grande dificuldade com a Ômicron e uma política de Covid zero", disse no Twitter Tulio Oliveira, diretor do Centro para Resposta Epidêmica e Inovação da África do Sul. Ele faz parte da equipe que primeiro alertou a Organização Mundial da Saúde para a nova variante. "Eles poderão ter de se unir ao resto do mundo com estratégias de mitigação. A China não deve punir suas autoridades de saúde pública ou seus cidadãos ou estrangeiros por causa de uma variante mais transmissível."

A ordem é tentar eliminar a doença onde quer que ela surja, a qualquer custo

Seja qual for o preço, a China provavelmente fará grande pressão para manter o vírus sob controle durante a maior parte deste ano, antes de dois acontecimentos de perfil destacado e grande importância. No mês que vem, Pequim sediará as Olimpíadas de Inverno, encontro prejudicado por boicotes diplomáticos, devido a abusos aos direitos humanos. No outono, a liderança comunista se reunirá no 20º Congresso do partido, que deverá prorrogar oficialmente o poder de Xi Jinping por mais cinco anos.

As autoridades de Pequim terão pouco apetite por colocar sob ameaça as Olimpíadas ou o Congresso do partido com um surto de Covid, que representaria um teste descontrolado da eficácia da vacinação e dos preparativos médicos no país.

ZHANG TAO/XINHUA/AFP E PENG YUAN/XINHUA/AFP

Vigilância total. A China aposta nos testes em massa, na vacinação de crianças e em severos *lockdowns*. Até agora tem funcionado

Os riscos para a saúde de abrir a China ao vírus provavelmente serão maiores do que em países que abandonaram suas políticas de Covid zero, disse Sean Yuji Sylvia, professor-assistente na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, nos EUA, cuja pesquisa se concentra em economia da saúde e o sistema de saúde da China. "Há vários motivos pelos quais faz sentido para Pequim manter controles rígidos por enquanto", disse Sylvia. "A China tem uma alta densidade populacional e menor imunidade de rebanho na população, devido à exposição limitada ao vírus e vacinas menos eficazes. O sistema de saúde também é relativamente fraco na maior parte do país e poderia facilmente ser sobrecarregado. E mesmo que as vacinas ofereçam boa proteção contra casos graves, os pacientes com doença menos severa têm maior probabilidade de ser hospitalizados na China."

Os hospitais do país também são equipados com médicos que têm pouca experiência clínica no tratamento de Covid, enquanto os profissionais de outros lugares têm dois anos de compreensão duramente conquistada de seu desenvolvimento e como melhor controlá-la. O possível custo humano da abertura também tem uma dimensão política. O governo e a mídia estatal aproveitaram o modo como o vírus se espalhou em outros países como evidência de fraca liderança e má tomada de decisões.

Abandonar a Covid zero poderia provocar uma crise em hospitais e no sistema de saúde que abriria o governo chinês a críticas semelhantes. As primeiras semanas da pandemia, quando os hospitais em Wuhan ficaram lotados e o número de mortes incluiu muitos profissionais de medicina, alimentaram a fúria e o medo em todas as regiões. "A política de Covid zero da China é dirigida principalmente por preocupações de estabilidade social. O regime vê a Covid, a Sars e outras epidemias ou pandemias como uma crise de saúde que tem o potencial de evoluir para uma crise social", disse Lynette Ong, professora associada de Ciência Política na Universidade de Toronto, no Canadá. "Com isso em mente, não é difícil entender por que eles estão dispostos a defendê-la a todo custo. Mas os custos são altos. Enquanto o resto do mundo aprende a conviver com ela, a China se verá sozinha, com poucos mecanismos de enfrentamento."

Pequim teme que uma crise sanitária provoque distúrbios sociais e políticos

Um sinal-chave a se observar, acrescenta ela, é se a abordagem da Covid mudará depois que a liderança tomar decisões no Congresso do Partido Comunista. Controles rígidos foram surpreendentemente eficazes até agora. Nas últimas quatro semanas, quando a China combatia um núcleo relativamente grande de infecções pelos padrões domésticos, as autoridades detectaram 3,4 mil casos, e ninguém morreu. No mesmo período, mais de 5,7 milhões de indivíduos se infectaram com Covid nos Estados Unidos e 36 mil morreram da doença. E enquanto outras economias desmoronavam sob a pressão das mortes e os *lockdowns*, a China manteve o crescimento. Se o seu caminho continuar divergindo do resto do mundo, entretanto, os custos e os desafios da abordagem Covid zero quase certamente aumentarão.

Em 2020 e 2021, quando a China conteve seu surto inicial, os gastos domésticos rapidamente se aceleraram. Suas fábricas continuaram a entregar produtos para o mundo, adicionando testes para Covid e outros itens médicos à sua linha de produção, para uma pandemia que parecia contornar o país. Agora, o cálculo econômico tornou-se, porém, mais complexo. Um novo *lockdown* estrito e novas

ISTOCKPHOTO E BOC/BEIJING 2022

Imagem. Impedir um grande surto durante as Olimpíadas de Inverno é a maior preocupação do governo chinês

regras de quarentena estão afetando tudo, das cadeias de suprimentos globais, quando os marinheiros que querem voltar para casa têm de passar semanas em isolamento, à produção industrial.

Parceiros comerciais estão irritados com o impacto dos novos controles de fronteira impostos subitamente, com mais de 6 mil caminhões vietnamitas parados em uma fronteira no fim de dezembro. Se outros mercados continuarem a facilitar os controles de movimento ligados à Covid enquanto a China mantiver o fechamento, eles poderão ser obrigados a procurar outros parceiros comerciais.

Se Pequim continuar isolada do mundo, também poderá diminuir seus esforços para projetar sua influência mundial. Esta tem sido uma característica destacada do regime cada vez mais assertivo de Xi Jinping, incluindo sua iniciativa principal, a do "Cinturão e Estrada", que oferece investimento e ajuda a todo o mundo.

Mas por enquanto as autoridades claramente deram prioridade às vantagens políticas de uma China sem Covid, e estão dispostas a pagar um alto preço para manter essa posição incomum em um mundo onde a doença se torna endêmica. "A estratégia de 'liberação dinâmica' da China até agora se mostrou eficaz para limitar a disseminação interna da doença, embora com custo significativo, e recompensas", disse Thomas Hale, professor-associado de políticas públicas na Escola de Governança Blavatnik da Universidade de Oxford. "As declarações do governo desde o surgimento da Ômicron, que consideraram a atual estratégia um sucesso, sugerem que o ponto de transição (afastando-se da Covid zero) não está próximo, apesar de certa discussão do assunto na mídia chinesa. Além disso, quando a transição vier, talvez não seja fácil, porque a sociedade chinesa habituou-se a um baixo nível de transmissão." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

O prefeito que nunca dorme

TheObserver Eric Adams, segundo negro a governar a cidade, quer restaurar a energia e os negócios de Nova York

POR EDWARD HELMORE

O novo prefeito de Nova York, Eric Adams, foi empossado pouco depois da zero hora do sábado 1º. Foi uma hora adequada para um policial que virou político e afirmou que pretende devolver um pouco de animação a uma metrópole derrubada pela pandemia, por disputas políticas e por um último prefeito cujas notas em pesquisas ficam atrás até de Donald Trump entre os eleitores do estado. Por enquanto, o governo de Adams está "no éter", como disse um conhecido dele. O prefeito democrata disse ao conselho municipal antes de assumir: "Devemos permitir que a nossa cidade funcione. Jogamos 11 bilhões de dólares na Covid-19, então chegou a hora de aprendermos a ser mais inteligentes".

Adams foi direto ao trabalho. Pegou o metrô para a prefeitura em 1º de janeiro para estar em sua mesa às 8h30 da manhã e realizou uma reunião de gabinete meia hora depois. Há sinais de que ele estará mais focado do que seu antecessor, Bill de Blasio, que fez campanha na defesa do aumento de impostos e falou de modo polarizado a respeito de uma "história de duas cidades". Na sexta 31, o jornal *New York Post* descreveu o democrata De Blasio como o pior prefeito que a cidade teve. E isso dentre 109 nomes para escolher. O *New York Times*, que, em princípio, é amistoso, só encontrou espaço para listar suas realizações como criador de jardins de infância para todos, por comer pizza com garfo, marcar o recorde como prefeito mais alto e acidentalmente deixar cair uma cadela chamada Charlotte, que mais tarde morreu por causa dos ferimentos.

A maior conquista de De Blasio, comentou o *Times*, foi gastar dinheiro – o orçamento da cidade está num recorde de 102,8 bilhões de dólares e sua força de trabalho em uma alta recorde de 325 mil profissionais. Mas, durante os oito anos de De Blasio, a cidade pareceu mais lenta e sem graça, como se o prefeito tentasse refazê-la à sua própria imagem. Os semáforos foram programados para demorar mais no verde. A medida confundiu o tempo dos que atravessam fora da faixa, irritou os motoristas e talvez tenha beneficiado apenas os ciclistas nervosos. Os Ubers começaram a congestionar a cidade onde os táxis amarelos aceleravam, às vezes sem parar por uma corrida, de maneira que parecia antidarwiniana.

> Ele promete **ser mais pragmático** que o antecessor, Bill de Blasio

Adams chega com menos bagagem ideológica do que De Blasio, que o *Post* chama de "amante de Cuba". É improvável, por exemplo, que ele faça seu primeiro decreto executivo tentando proibir as carruagens puxadas a cavalo no Central Park e depois permita que áreas mais ricas da cidade não sejam limpas após uma tempestade de neve, para mostrar que ele, como um populista nativo do

ED REED/NYC MAYOR OFFICE

Outras ideias. Adams curte a vida noturna e se mostra mais aberto às demandas comerciais da cidade

Brooklyn, não considera Manhattan o centro do universo nova-iorquino.

De muitas maneiras, ele parece mais acostumado com o ritmo da cidade e sua razão de ser comercial. Líderes empresariais, esperando conter o êxodo de firmas e de bons salários, dizem ver sinais de que Adams enfocará mais o desenvolvimento econômico e o combate ao aumento dos níveis de criminalidade. Ele prometeu não restaurar o policiamento com revista pessoal, que visava injustamente as minorias sociais, e reviver uma unidade policial à paisana para se dedicar ao crime armado. Um conhecido ativista, Hawk Newsome, ameaçou "tumultos, fogo e sangue" se Adams restaurar essa unidade. Adams respondeu: "Não vamos nos render aos que dizem 'Vamos queimar Nova York'. Não a minha cidade".

O novo prefeito disse a líderes empresariais para criarem um banco de dados para conectar vagas de emprego aos que procuram trabalho, acrescentando: "Este vai ser um lugar onde apreciamos as empresas, e não vamos nos tornar a cidade disfuncional que temos sido há tantos anos". Mas ele poderá encontrar resistência no conselho municipal, centro da mudança de Nova York para a política progressista. Estão previstos choques sobre um plano de reinstalar a prisão solitária no brutal complexo de detenção pré-julgamento em Rikers Island. "Vou ignorá-los", disse Adams. "Quer eles gostem, quer não. Eu sou o prefeito."

Mas há sutilezas na abordagem de Adams. Ele ama a vida noturna, aparecendo em um jantar beneficente, ou numa peça, antes de passar no Zero Bond, um dos novos clubes fechados da cidade. "Quando você sai à noite, ajuda a reduzir o crime. Isso atrai turistas para a cidade", disse recentemente, acrescentando que, quando um nova-iorquino vai a um restaurante, "está garantindo o emprego de um lavador de pratos, um cozinheiro, um *barman* e um garçom".

É uma estratégia que, segundo Serge Becker, a força por trás da boate artística AREA, dos restaurantes La Esquina e outros, ajudou a cidade a se reinventar no fim dos anos 1970 e 80. "Ruas povoadas são mais seguras do que as abandonadas. Isso ajudou a formar comunidades, e o prefeito Adams está enviando sinais encorajadores de que tem uma visão particular da vida noturna, que ela tem um papel positivo a desempenhar na revitalização da cidade."

Mas há um ponto de interrogação sobre onde Adams dorme. Alguns dizem que é em New Jersey, outros no Brooklyn, ou que ele põe os pés para cima no escritório durante algumas horas. Parece que ele fica feliz em deixar os eleitores tentando adivinhar. "Sou tão flexível quanto a cidade. Ficarei em Nova York", disse ao canal de notícias NY1 em novembro. "A cidade que nunca dorme. Ouvimos o despertador. Já levantamos." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

O narcisismo do apocalipse

IDEIAS *Não Olhe para Cima* evidencia o quanto a indústria cultural exacerba o ego dos ressentidos e fracassados

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO

A avalanche de artigos dedicados ao filme *Não Olhe para Cima*, disponível na Netflix, nos ofereceu uma variedade de interpretações. Cá de minhas fragilidades cinematográficas entendo o trabalho de Adam McKay como a tentativa de desvelar as relações contraditórias entre a ética do conhecimento, digamos da ciência, e a sociedade capitalista de massa submetida aos poderes reais da grana inquieta, despojada de empatia em sua objetividade cruel.

Nas últimas cenas, McKay apresenta os ricaços se preparando para voar rumo a outro planeta, enquanto os demais habitantes ficam à mercê do cometa maluco. "Não olhe para cima" para não ser aprisionado pelos enganos da imprensa manipuladora, por opiniões de celebridades cretinas e por decisões de governos sem-vergonha. A ameaça do cometa sintetiza as desgraças das sociedades capitalistas contemporâneas.

Aqui vou retomar considerações já exaradas nas colunas de *CartaCapital*. Tal como o cometa ameaçador descoberto pelos dois astrônomos, a pandemia apenas exacerbou características das personalidades que habitam as carcaças negacionistas, contaminadas desde a tenra idade com o vírus do narcisismo ressentido. Esse vírus é mortal nos tempos das sociedades entregues à exaltação do sucesso e aos valores do individualismo competitivo.

Filósofos, sociólogos e psicanalistas já arriscaram a pele no desvendamento desse fenômeno psicossocial, o narcisismo dos ressentidos e fracassados. Esses cidadãos são produto de um processo de formação das personalidades que, em sua espiral de difusão, contamina camadas inteiras de indivíduos que vivem nas sociedades de massa competitivas.

Neste momento de angústias e descalabros comportamentais de lideranças como Trump e Bolsonaro, é importante sublinhar que os dois desatinados, assim como a presidente americana encarnada no filme por Meryl Streep, foram escolhidos nas urnas por um tipo de indivíduo que sobrevive nas camadas sociais que perseguem o sucesso, mas só alcançam o fracasso.

> A ameaça do cometa **sintetiza as desgraças das** sociedades capitalistas atuais

A respeito dessa turma, Umberto Eco fez considerações que relacionavam os novos meios de comunicação, as redes sociais e o rebaixamento intelectual dos indivíduos massificados: "Deram voz aos idiotas de aldeia". Foi duro, mas preciso. A relação entre os meios de comunicação e a sociedade de massa já foi examinada competentemente por muita gente boa, como Theodor Adorno e Marshall McLuhan.

O meio é a mensagem, ensinou McLuhan ao tratar da formação das consciências nas sociedades de massa em que a informação é comandada pelos meios de comunicação. A tradução foi ajustada para facilitar a compreensão. "A mídia nos afeta completamente. Afeta nossa estrutura conceitual nas dimensões pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais. Não deixa nenhuma parte intocada, inalterada. O meio é a mensagem. Qualquer compreensão da mudança social e cultural é impossível sem um conhecimento da forma como a mídia funciona."

A partir desse parágrafo, para evitar as armadilhas do narcisismo, vou socorrer minhas limitações com as sabedorias do livro de Debora Cook, *A Indústria da Cultura Revisitada*. Debora argumenta que Adorno, ao investigar as origens psicossociais do nazismo, concluiu que tanto o nazismo quanto a indústria cultural trabalham em um nível psicológico profundo, reforçando o narcisismo que ela alegou ser sintomático nos indivíduos que habitam os escaninhos do capitalismo avançado. Sem autonomia suficiente do ego, os narcisistas são virtualmente indefesos contra as técnicas car-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 58

Música. Como Mônica Salmaso agigantou-se durante a pandemia

O diretor McKay mira a mídia e os governos sem-vergonha

regadas da libido da indústria cultural.

Como o historiador Alan Bullock observou em relação ao nazismo, demagogos como Hitler "visavam apelar não para o racional, mas para as faculdades emocionais, aqueles 'interesses afetivos', contra os quais (como Freud apontou) estudantes da natureza humana e filósofos há muito reconheceram que os argumentos lógicos eram impotentes". Como esses demagogos, a indústria cultural também coloca em jogo não apenas emoções, mas instintos irracionais e, muitas vezes, autodestrutivos, minando o pensamento racional e o interesse racional.

Embora eles não sejam a causa direta do ego fraco dos narcisistas, o nazismo e as mercadorias culturais exploram essa fragilidade e frustram a capacidade de resistir à repressão, ao oferecer satisfações suficientes para aplacar os indivíduos fracos e ressentidos que habitam os desvãos do capitalismo de massa. Se a teoria dos impulsos de Freud forneceu a Adorno a base para sua teoria, as relações econômicas do capitalismo ofereceram a outra pilastra. A psique individual visada pela indústria cultural invariavelmente revela as cicatrizes infligidas pelas exigências e obrigações das sociedades capitalistas tardias.

No filme de Adam McKay, os jornalistas que entrevistam os dois astrônomos assumem os sestros e comportamentos estudados por Pierre Bourdieu. O pensador francês cuidou de analisar os arroubos moralistas de âncoras, comentaristas e outros bichos de menor porte: "Gide dizia que com bons sentimentos se faz má literatura. Mas com bons sentimentos se faz audiência. É preciso refletir sobre o moralismo das gentes midiáticas: frequentemente cínicos, eles propugnam por um conformismo moral absolutamente prodigioso. Os apresentadores de jornal televisivo, os animadores de debate, os comentaristas esportivos se transformaram em pequenos diretores de consciência, porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa. Dizem o que é preciso pensar sobre os problemas da sociedade".

Além disso, Adorno argumentou que "não só o indivíduo, mas até mesmo a categoria da individualidade, é um produto da sociedade". Uma construção social e histórica, essa categoria serve agora, muitas vezes, apenas para ressaltar a fraqueza do ser humano isolado em relação à sociedade. O conceito tornou-se cada vez mais vazio, um espaço-reservado quase vazio para uma força potencialmente resistiva. A psicologia individual tem sido afetada pelos desenvolvimentos dentro do capitalismo, incluindo o crescimento da indústria cultural, a tal ponto que o indivíduo regrediu "ao estado de um mero objeto social". •

NETFLIX BRASIL

O cronista do acaso e do amor

CINEMA Quem é Ryusuke Hamaguchi, cineasta japonês premiado em Berlim e Cannes, finalista do Oscar e presente em várias listas dos melhores filmes de 2021

POR ANA PAULA SOUSA

Raros cineastas conseguiram, na história, ter dois filmes selecionados e premiados no mesmo ano nos dois principais festivais de cinema do mundo. Em 2021, Ryusuke Hamaguchi conseguiu esse feito.

Três meses depois de *Roda da Fortuna* ter conquistado o Urso de Ouro no Festival de Berlim, *Drive My Car* (*Dirija Meu Carro*, ainda sem título em português) saiu do 74º Festival de Cannes com três prêmios. *Drive My Car* é também o representante japonês do Oscar e figura em nove de cada dez listas de melhores filmes de 2021.

"Foi um ano bem intenso e de muitas oportunidades", diz, contido, por meio da tela do computador. No dia em que conversou com *CartaCapital*, com a intermediação de uma tradutora de japonês, o cineasta havia reservado uma hora e 20 minutos da agenda para atender jornalistas brasileiros e tentar, dessa forma, garantir maior visibilidade ao lançamento de *Roda da Fortuna* nos cinemas do País.

O filme, em cartaz desde a quinta-feira 6, é seu segundo trabalho a estrear por aqui. O primeiro, *Asako I & II* (2018), a despeito das críticas já então favoráveis, teve pouca repercussão. Mas agora é diferente. Hamaguchi entrou para o panteão do cinema de autor e, seja por conta de *Roda da Fortuna* – que vem sendo lançado em vários países –, seja por conta das conquistas de *Drive My Car*, tornou-se uma figura requisitada.

"É cansativo falar com tanta gente", diz, sem negar que as perguntas dos jornalistas tendem a se repetir. A avalanche de conversas também propiciou, porém, encontros memoráveis. "Tive a oportunidade de conversar com a atriz Isabelle Hupert e com Bong Joon Ho, diretor de *Parasita*. Ele foi me ouvir falar sobre *Drive My Car* e ela me perguntou sobre como dirijo os atores. Isso tudo foi importante para mim. Me dá forças para continuar."

> "Trabalho sempre com uma equipe de menos de dez pessoas. Somos uma trupe familiar"

Hamaguchi realizou o primeiro curta-metragem em 2003 e o primeiro longa-metragem em 2007. Em 2015, com *Happy Hour*, conseguiu abrir as primeiras portas no circuito de cinema de arte internacional e, três anos depois, debutou na competição pela Palma de Ouro, em Cannes, com *Asako I e II*.

Nascido em Kanagawa, ao sul do Tóquio, há 42 anos, Hamaguchi passou a infância em diferentes cidades por causa do trabalho do pai e, como quase todos os garotos, jogava videogame e adorava mangás. O interesse pelos filmes surgiu no início da juventude, a partir do contato com o cinema de autor. Nas entrevistas, é comum que mencione John Cassavetes como uma referência importante.

Em seu entendimento, a virada na carreira antecede o reconhecimento internacional. Ela deu-se em 2012, durante a realização do documentário *The Sound of Waves* (*O Som das Ondas*). Nesse filme, Hamaguchi desvencilhou-se dos roteiros rígidos e passou a deixar o real invadir sua obra, tanto por meio da câmera quanto por meio dos sentimentos mais genuínos dos atores.

"Trabalho sempre com uma equipe pequena, de menos de dez pessoas. Somos uma trupe familiar", descreve, para na sequência explicar que, no caso de *Roda da Fortuna*, os atores eram o centro em torno do qual a equipe orbitava. "Eles tinham um papel central e encararam o desafio de mostrar a distância entre eles apenas por meio das palavras, sem explicitar nada."

Roda da Fortuna se divide em três segmentos, que funcionam quase como crônicas visuais nas quais homens e mulheres conversam sobre suas vivências. E embora as palavras, muitas vezes, criem o distanciamento, elas contêm também a possibilidade da aproximação. "A temática do filme é o acaso, que está ligado ao esporádico, não à rotina", diz Hamaguchi,

tateando os sentidos da própria obra.

A crítica Manohla Dargis, do *New York Times*, em sua entusiasmada descrição do filme, usou a expressão "geometria do desejo" para definir o roteiro. E há, de fato, algo de geométrico na construção do filme. Por mais que *Roda da Fortuna* remeta de forma direta a Eric Rhomer, há, em Hamaguchi, um certo rigor que o difere do realizador francês.

Ditos e não ditos. *Drive My Car* (*acima*) é baseado em um conto de Haruki Murakami. *Roda da Fortuna* (*à dir.*), em cartaz no Brasil, foi escrito pelo próprio realizador

As suítes de *Kinderszenen* (*Cenas da Infância*), *Op.15*, de Robert Schumann, que retornam em diferentes momentos da narrativa, funcionam quase como um metrônomo – ainda que, ao mesmo tempo, modulem as emoções do espectador. "São melodias simples, que transmitem algo que remete à gentileza e à tranquilidade e, ao mesmo tempo, à solidão e à impermanência das coisas", descreve. "Eu escrevia o filme ouvindo essas músicas. É como se elas contassem a história da vida daquelas pessoas."

Para Peter Bradshaw, crítico do *Guardian*, os três trabalhos mais recentes de Hamaguchi são "contos cinematográficos" que ecoam temas comuns: "destino e coincidência, identidade e papel social e os mistérios do prazer erótico e do desejo". Enquanto *Roda da Fortuna* foi escrito por ele mesmo, *Drive My Car* é adaptado de um conto de Haruki Murakami, presente no livro *Homens Sem Mulheres*.

Drive My Car começou a ser rodado no início de 2020 e, com a eclosão da pandemia, ficou oito meses suspenso. Na retomada, por causa das medidas restritivas que dificultam as viagens, a história foi realocada de Busan, na Coreia do Sul, para Hiroshima. No período de isolamento social, ele finalizou *Roda da Fortuna*.

Apesar do sucesso no circuito *cult* internacional, Hamaguchi diz que, no Japão, *Drive My Car* fez 150 mil espectadores. "É claro que para um filme meu não é um número baixo, mas também não vou dizer que seja bom", admite, lembrando que, por lá, quase todos os sucessos são baseados em animes ou *best-sellers* e que também a realização de um filme de autor é dura. "Temos auxílios públicos que bancam, no máximo, 10% do orçamento, e, mesmo assim, é difícil consegui-los", diz, mais em tom de constatação do que de inconformismo. •

VALERY HACKE/AFP, SIDESHOW/JANUS

A cantora restauradora

PROTAGONISTA Monica Salmaso, conhecida pelas pesquisas e releituras, começa o ano com um tributo a Milton Nascimento

POR SÉRGIO MARTINS

A cantora Monica Salmaso é uma aprendiz no universo das redes sociais. "Não sei nem a senha do meu perfil no Facebook", diz, em entrevista a *Carta Capital*, por videochamada. Apesar disso, poucos nomes do *showbiz* brasileiro souberam, diante do fechamento das casas de espetáculos provocado pela pandemia, se reinventar como ela.

Tomada por um "surto psicótico e com fúria criativa", como gosta de dizer, a intérprete de 50 anos de idade e 25 de carreira discográfica, embrenhou-se em atividades que vão de especiais no YouTube a álbuns dedicados ao violonista e compositor Guinga e ao poeta Vinicius de Moraes.

A recepção entusiasmada dos projetos fez com que Mônica visse o alcance do seu trabalho expandir-se, com o YouTube e o Instagram fazendo as vezes dos palcos. "Eu não tinha uma relação frequente com as redes sociais, mas, de repente, isso virou uma forma de manter o trabalho vivo e construir uma relação de afeto, por conta do que acontecia na fase do isolamento."

E Monica não dá mostras de que vai diminuir o ritmo em 2022. Para o início deste ano está previsto o lançamento – por enquanto digital – de *Miltons*, registro de um encontro dela com o pianista André Mehmari, nascido de uma *live* na qual a dupla se debruçou sobre as canções de Milton Nascimento e de seus parceiros. O retorno definitivo aos palcos é, porém, incerto. "Me sinto muito insegura para fazer planos", justifica.

No país das cantoras, Monica Salmaso é o que se pode chamar de "restauradora". Enquanto muitas intérpretes buscam os compositores da moda e canções inéditas para formar o repertório, ela optou pela pesquisa, estudando a fundo os compositores para então registrá-los. "Tenho paixão pela música brasileira. Sou filha da linhagem de apaixonados por Villa-Lobos e Tom Jobim", diz. "É por essas músicas que consigo enxergar o quão ricos nós somos."

Por caminhos nada óbvios, Monica recria cada detalhe das canções às quais presta tributo e, não raro, dá a elas nova leitura. É o caso de *Menina Amanhã de Manhã*, de Tom Zé, que entrou na trilha sonora da novela *Um Lugar ao Sol*, da Globo. O tropicalista ironizava a felicidade imposta pela ditadura militar – "a felicidade que vai desabar sobre os homens". Mônica enxergou na letra a dificuldade que as pessoas têm de ser felizes.

> Na pandemia, a intérprete viu seu público crescer graças a projetos feitos para a internet

A capacidade de emprestar novas roupagens a velhas melodias está na origem do projeto que levou Mônica a romper a bolha do isolamento pandêmico: *Ô de Casas*, que estreou no início da crise sanitária e estourou no YouTube. O projeto reúne hoje 171 vídeos de duetos virtuais com autores, intérpretes e musicistas mais ou menos célebres. *Ô de Casas* rendeu-lhe, em dezembro, o Prêmio Governo do Estado de São Paulo para as Artes na categoria Comunicação Cultural. Ela será também uma das curadoras do Festival de Verão de Campos do Jordão, que começa este mês.

Os encontros virtuais estiveram na origem de uma segunda aventura: *Caipira Online*, que estreou em novembro. O projeto é uma rebarba da turnê *Caipira*, que teve de ser interrompida em 2020, deixando quatro apresentações pelo caminho. A cantora pediu revisão do projeto e trocou os quatro *shows* por quatro programas de vídeo, que incluem convidados como Rolando Boldrin e Sérgio Santos.

Em 2021, ela lançou ainda discos originados em registros anteriores a março de 2020: *Japan Tour 2019*, dedicado ao compositor e violonista Guinga, e *Casa Branca*, lançado inicialmente em Portugal, que une Vinicius de Moraes ao autor lusitano José Afonso e foi gravado durante *shows* com o cantor José Gil em Portugal.

Monica é a filha mais velha de um casal formado por um engenheiro e uma pedagoga. Ela conta que, criança hiperativa que era, tinha seus raros momentos de contemplação defronte à vitrola que ganhou de um tio. O aparelho tocou repetidas vezes os álbuns da coleção *Disquinho*, uma série de contos infantis com trilha sonora de composições de Bragui-

LORENA DINI E YOUTUBE BRASIL

Encontros. Monica diz ter tido um "surto psicótico e com fúria criativa" durante o isolamento social. Um dos frutos do "surto" foi o projeto *Ô de Casas*, para o YouTube, no qual fez duetos virtuais com Ney Matogrosso, Chico Buarque e mais 169 artistas

nha com arranjos de Radamés Gnatalli.

Tempos depois, ela se apossou da coleção de LPs dos pais e, finalmente, do violão da mãe. O repertório era composto de MPB intercalada a bandas de *rock* como Pink Floyd. Naqueles tempos, Monica era elogiada por "cantar bonitinho". Foi quando entrou em uma escola de música, em São Paulo, cidade onde nasceu, que se descobriu cantora. Os elogios dos professores e colegas deram-lhe coragem para avisar aos pais que abraçaria essa profissão.

A voz de Monica Salmaso, quente e grave, torna-se muitas vezes um instrumento extra. É o que se pode notar na faixa *Sete Estrelas* e *Di Menor*, de *Japan Tour 2019*, na qual ela se funde com a flauta e o clarinete. O esmero se revela em cada disco. Desde a estreia, com *Afro-Sambas* (1995), a cantora intercala discos temáticos – dedicados a Chico Buarque, Guinga, Heitor-Villa Lobos e música caipira, por exemplo – com coletâneas de canções. "Todos os discos de que gosto têm a preocupação de contar uma história. Cada lançamento é como um livro, com sonoridade, repertório e tratamento definidos", diz.

Antes de a fama chegar, seu périplo artístico incluiu a participação em O *Concílio do Amor*, peça *cult* dirigida por Gabriel Villela, em 1989, e rondas pelos principais bares de música de São Paulo. O "não" dito a um megaempresário do *showbiz*, que desejou transformá-la em estrela *pop*, ajudou a escrever sua história de resiliência, marcada pelo critério rigoroso na escolha do repertório.

"Meu fígado não suporta que eu grave algo de que não goste", brinca. "Meus discos são para ser escutados numa sala, defronte ao aparelho de CD. Mas, no mundo ideal, eles seriam ouvidos em todos os lugares, mesmo nas rádios populares e no churrasco." Nos últimos dois anos, Mônica avançou um pouquinho mais rumo a essa sua utopia. •

Ouvi dizer antissistema?

LIVRO Após a apropriação do conceito pela direita radical, é preciso encontrar caminhos para reativar a dimensão "antissistêmica" das forças de esquerda

POR FÁBIO MASCARO QUERIDO*

Historicamente associado à esquerda, o qualificativo "antissistema" parece ter sido capturado pela extrema-direita. É ela quem, há algum tempo, vem se arrogando o direito de falar contra um "sistema" no âmbito do qual caberiam tanto a esquerda "progressista" quanto seus cúmplices "globalistas" do capital.

Embora incompleta e enganosa, tal percepção não deixa de expressar algo da atmosfera política e cultural vigente no Brasil e no mundo. Não é, afinal de contas, verdade que uma parcela significativa das esquerdas vem se contentando com a defesa de um sistema (ou de parte dele) que é, na realidade, o principal responsável pela ascensão da extrema-direita pretensamente antissistema?

Neste cenário, como reativar a dimensão antissistêmica das forças e dos movimentos dos oprimidos? Sem essa dimensão não permanecemos impotentes diante da instrumentalização antidemocrática de alguns dos sintomas da crise a que estamos submetidos?

Reside nessas perguntas o núcleo do desafio que se propõem a enfrentar os três autores de *O Sistema e o Antissistema. Três Ensaios, Três Mundos no Mesmo Mundo*. São eles o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (colunista de *CartaCapital*), defensor de uma nova ecologia dos saberes e responsável pelo ensaio que suscitou a interlocução; Helena Silvestre, jovem escritora afro-indígena brasileira e militante das lutas por moradia; e Ailton Krenak, ativista socioambiental, líder indígena e intelectual público.

O SISTEMA E O ANTISSISTEMA: TRÊS ENSAIOS, TRÊS MUNDOS NUM MESMO MUNDO. **Ailton Krenak, Helena Silvestre e Boaventura de Sousa Santos.** Autêntica (80 págs., 36,90 reais)

De lugares e horizontes distintos, à luz de experiências específicas, os três falam, entretanto, sobre os mesmos mundos: o mundo de agora, a ser transformado, e o mundo do futuro, a ser construído em meio aos escombros do atual.

Se Boaventura esboça uma reconstituição histórica e conceitual da "dialética entre o sistema e o antissistema", até chegar aos dilemas contemporâneos, Helena Silvestre argumenta que, no limite, o pretenso caráter antissistema da extrema-direita atual nada mais é do que um "subproduto" do próprio sistema.

Para Helena, do ponto de vista da periferia – a do sistema e a das cidades globais –, norma e exceção aparecem entrelaçadas. "O normal é uma ruína, há muito tempo, que segue existindo também como miragem", escreve. Assim, se é verdade que as "falsas performances antissistema" do protofascismo contemporâneo se voltam contra a democracia liberal, o

Ensaios. O ativista indígena Ailton Krenak; o sociólogo Boaventura de Sousa Santos; e a escritora e militante Helena Silvestre vão na contracorrente

mesmo não se pode dizer de sua real disposição para enfrentar o cerne do sistema: o capitalismo moderno-colonial.

Não por acaso, para além de uma defesa estratégica do lado "bom" do sistema – a democracia constitucional, por exemplo – contra os ataques autoritários da direita, Helena defende a necessidade de uma "aliança antissistema e anticapitalista". Só essa aliança seria capaz de destruir aquilo que nos destrói, transformando o medo, a insegurança e mesmo o ódio em indignação e em estímulo para reaprendermos, como diz a autora, "sonhar com algo mais do que nós mesmos, sonhar com mundos possíveis que não sejam feitos à imagem e semelhança deste mundo capitalista".

É também em defesa de "novas maneiras de se fazer política", na contramão do "conserto civilizatório excludente" e da visão colonialista de mundo, que se coloca Ailton Krenak. Em seu ensaio, ele define a "reciprocidade" como a capacidade de "nos abrir(mos) para outros mundos, onde a diversidade e a pluralidade também estejam presentes".

Tal como o lema dos zapatistas mexicanos, o intelectual indígena defende a construção de um mundo no qual caibam outros mundos. Krenak, assim como Helena, investe as suas expectativas antissistêmicas na herança daquilo que Walter Benjamin chama de "tradição dos oprimidos".

Lidos em conjunto, os três ensaios podem ser vistos como peças de uma reflexão em movimento e, por isso mesmo, aberta. O caminho a ser trilhado depende do modo como se desenvolverão as alianças entre aqueles e aquelas que, de fato, podem falar e agir contra o atual "sistema". No fundo, aos três interessa pensar os contornos de uma reativação da democracia desde baixo, ou seja, a partir da ótica dos oprimidos e de suas formas de perceber e atuar sobre o mundo.

> **De lugares distintos, os autores pensam o mundo do futuro, a ser construído em meio aos escombros do atual**

A diferença está no modo como vislumbram esse processo. Da semiperiferia portuguesa, Boaventura vê no aparato democrático-constitucional um obstáculo à ascensão fascista. E esse aparato deve, portanto, ser utilizado como parte das estratégias de luta contra a ameaça autoritária. Por sua vez, Helena Silvestre e Ailton Krenak enfatizam, a partir das "margens" da periferia brasileira, a necessidade de uma confluência não apenas contra a extrema-direita, mas também contra o estilo exclusivamente moderno-ocidental de governo da vida.

Cada qual à sua maneira, os três autores se situam, claramente, na contracorrente. Eles enxergam o quão falaciosa e ideologicamente motivada é a ideia de um progresso irreversível da história. Mas têm também noção de que não há saída sem uma nova perspectiva de futuro coletivamente construída, algo que exigirá algum tipo de arranjo político contra a hegemonia estabelecida.

E, sem dúvida, este pequeno e notável livro faz parte do processo de enfrentamento dessa questão. Mesmo porque os autores sabem que, para adiar o fim do mundo, é preciso, antes de tudo, acelerar o fim deste mundo. É esse o verdadeiro horizonte antissistêmico que temos pela frente. •

**Fabio Mascaro Querido é professor de Sociologia da Unicamp.*

ARQUIVO PESSOAL, GARAPA/PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL E GUSTAVO LOPES PEREIRA

IMAGEM FILMES

Ecos. Desta vez, Woody Allen coloca em cena um professor de cinema aposentado

O mundo de Woody

CRÍTICA NO LONGA-METRAGEM *O FESTIVAL DO AMOR*, EM CARTAZ NO PAÍS, O DIRETOR DE 86 ANOS MANTÉM-SE FORA DA TELA, MAS NÃO SE DESPRENDE DE SUA *PERSONA* CINEMATOGRÁFICA

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

Woody Allen perdeu parte dos recursos de produção que sempre teve para filmar e a quase unanimidade do público. Ainda bem que não perdeu o bom humor.

Em *O Festival do Amor*, em cartaz desde a quinta-feira 6, o diretor, mais uma vez, se disfarça e não aparece em cena. A estratégia vem sendo adotada desde 2016, depois que Dylan, sua filha adotiva com a atriz Mia Farrow, reiterou as acusações de que na infância teria sido vítima de abusos sexuais.

É impossível, entretanto, ignorar as semelhanças entre Mort, o protagonista, e a *persona* que Allen interpretou em quase 50 trabalhos. Desta vez, o intelectual neurótico e inepto é vivido por Wallace Shawn, aquele tipo de ator de quem a gente nunca sabe o nome. A pequena astúcia cria um prazeroso jogo de ecos e distanciamentos.

Mort é um professor de cinema aposentado que tenta, há décadas, escrever o romance que, acredita, o transformará em um novo Kafka ou Dostoievski. Seu casamento com a bela Sue está por um triz e, para não a perder, ele decide acompanhá-la ao Festival de Cinema de San Sebastián.

A participação de produtores espanhóis no financiamento do filme exigiu que Allen valorizasse as atrações turísticas de San Sebastián, mas o verniz da fotografia do mestre italiano Vittorio Storaro converte as locações impostas em belos cenários cinematográficos.

As cenas de uma sessão de psicanálise na abertura e no fim da trama indicam que as reminiscências e a imaginação de Mort se confundem com as imagens a que assistimos. Apenas os sonhos têm um sinal distintivo no relato: o preto e branco dos filmes antigos demarcam as cenas.

As sequências de clássicos modernos que Allen insere aqui e ali não são apenas citações nostálgicas ou homenagens veneradas a Welles, Fellini, Truffaut, Godard, Buñuel e Bergman. Elas são paródias, distorções oníricas. A estratégia ajuda a ver que os filmes não existem apenas num tempo embalsamado.

Mais uma vez, o que interessa ao cineasta é habitar o mundo que o cinema cria e recria. Desde a visionária Cecilia de *A Rosa Púrpura do Cairo* (1985), o cinema é, em seus filmes, um lugar onde se vive algo fora do alcance ou aquilo que poderia ser. Por isso, Mort antipatiza com o jovem e pretensioso diretor francês que, além de seduzir sua mulher, adota a pose de que filma para mudar o mundo.

Aos 86 anos, Allen sabe que o cinema não muda nada. Só oferece abrigo quando o mundo fica inabitável. •

Chegou o ano da Copa

▶ Sei que há desconfiança das pessoas em relação à Seleção, mas vejo-a com esperança, diante do longo trabalho encabeçado por Tite

No calendário do futebol brasileiro, o ano de Copa do Mundo tem início ao mesmo tempo que o calendário pendurado na parede. Na Europa, o começo do ano abre a janela das partidas de inverno e dá a largada para as contratações no meio da temporada. Trata-se de um início de ano agitado, em meio a crises de todo tipo: sanitárias, político-eleitorais, econômicas etc.

A tradicional Copa São Paulo de Juniores mostra a cara do gigante adormecido em sua mania de grandeza. São mobilizados, nada mais nada menos, que 128 times divididos em 32 chaves espalhadas pelo extenso Estado brasileiro.

O torneio materializa-se em ônibus que vão cortando o País em todos os sentidos, com a paisagem se alternando entre alagamentos monstruosos e secas causticantes. A imagem me faz lembrar até da época da ditadura militar e dos meus tempos de jogador. À altura, nós, jogadores dos cem times no "Nacional", nos encontrávamos a toda hora nos aeroportos, dentro dos aviões e nos hotéis.

Lembro que as equipes foram divididas entre as companhias aéreas de maneira absolutamente primária, gerando viagens absurdas, por trajetos enlouquecedores. Acontecia de um time voltar de um jogo desgastante no calorão úmido de Manaus, via Mato Grosso, com escala demorada em São Paulo, para chegar ao Rio quase na hora de embarcar de novo. Ao menos, era de avião. A aventura dos garotos na luta por um lugar ao sol continua.

No outro extremo deste tempo de contrastes, estamos em um ano de Copa do Mundo em data alterada pelas condições climáticas do Catar, país sem maior tradição no futebol, mas que entrou na onda financeira dos grandes negócios, tornados uma marca indelével do esporte moderno. Foi pelo viés do negócio que, nos anos recentes, o futebol chegou ao Japão, à Venezuela, aos Estados Unidos e a outros países.

Nos lugares onde esse esporte tem tradição, a onda vai levando cidadãos a comprarem clubes para transformá-los em empresas S.A. e suas variantes. O futebol brasileiro, em segundo plano nesse mundo de negócios, vai fazendo as vezes de "barriga de aluguel", gestando as promessas de craques daqui e de outros países da América Latina.

Não deixa de ser bonito ver, nesse processo, os times adotando equatorianos, peruanos, colombianos, venezuelanos. Chato, por outro lado, é ver os nossos clubes sendo vendidos em "xepas" de feiras, na "bacia das almas".

Volta e meia aparecem tentativas de alterar as formas de organização vigentes. Surgiu, há pouco tempo, a proposta de formação da Supercopa. Agora se fala em uma composição da Uefa (clubes europeus) com a Conmebol (nome esquisito). E vão sendo ouvidos, simultaneamente, comentários sobre uma proposta de Copa do Mundo de dois em dois anos, que soa, apenas, a mais uma forma de explorar ao máximo esse filão dourado.

E o que esperar da Seleção Brasileira nesta Copa? Sei que há desconfiança das pessoas em relação ao nosso escrete, mas vejo-o com esperança, diante do longo tempo de trabalho da comissão encabeçada por Tite. As dúvidas, naturalmente, surgiram em razão das últimas apresentações da Seleção, bastante irregulares e com baixo rendimento.

Nesse meio de caminho, o que me pareceu anormal foi o boato da mudança de treinador por ingerência da política na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). E digo mais: não morro de amores por Tite, mas discordo, historicamente, da insistência na escolha de treinadores com perfil autoritário, como se devessem eles ser "comandantes" cuja meta é ter "domínio" sobre o elenco. É extensa a lista de nomes forjados a partir dessa ideia falsa. Mas os melhores treinadores foram sempre homens de diálogo.

Penso que o caminho traçado por Tite foi o de buscar solidez no espírito da Seleção. Tanto que, neste momento, a turma se espanta ao se aventar a possibilidade da convocação de Paulinho, Coutinho, Renato Augusto e outros homens de confiança que o treinador, mantendo coerência, não abandona. Mas ele, obviamente, não é obrigado a levá-los para o Catar se estiverem superados.

Enquanto isso, com a classificação alcançada com folga, Tite pode dar oportunidade às revelações – nossa terra, felizmente, é sempre pródiga nelas. Resta, aos que enxergam com maus olhos a Seleção, o argumento da grande diferença dos conceitos entre o futebol europeu atual e o nosso, e a falta de confrontos que coloquem à prova esse possível abismo.

Começamos, enfim, um ano decisivo, para o futebol e para a vida brasileira. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ARTHUR CHIORO

Cruzada da estupidez

▶ Além de lançar dúvidas sobre a vacina para as crianças, Bolsonaro, em uma cena de abuso de autoridade, constrangeu os servidores da Anvisa

Chegamos ao início de 2022 com diminuição consistente do número de casos e de óbitos por Covid-19. Isso se deve à adesão da população à vacina, uma vez que 67% dos brasileiros já estão com doses completas e 11% receberam uma dose do imunizante.

A situação ainda não está sob controle e as medidas sanitárias não podem ser abandonadas ou relaxadas, pois um terço da população ainda está desprotegida, não vacinada ou sem a segunda dose. A maior prova disso é que, com as festas de fim de ano, há um considerável aumento de casos, indicando a propagação do vírus.

As novas ondas de casos e óbitos nos Estados Unidos e na Europa servem como alerta, ainda mais com a expansão da Ômicron entre os não vacinados, o que levou vários países a retomarem medidas de restrição da circulação, obrigatoriedade do uso de máscaras, adoção de passaporte vacinal e até vacinação obrigatória.

No Brasil, para além da incapacidade do Ministério da Saúde de coordenar as ações e de proteger e recuperar sistemas de informações afetados por *hackers*, seguimos tendo de enfrentar o nosso maior pandemônio: o presidente da República.

Se não bastasse a tentativa de impedir a adoção do passaporte vacinal, fundamental para o controle das fronteiras, coloca-se agora o presidente contra a vacinação de crianças de 5 a 11 anos.

Os reflexos da postura já se deixam antever no resultado da consulta pública feita pelo Ministério da Saúde, divulgado na terça-feira 4. De acordo com a pasta, a maioria das cerca de 100 mil pessoas que se manifestaram "se mostrou concordante com a não compulsoriedade da vacinação" para crianças.

O uso do imunizante para essa faixa etária foi aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a partir da comprovação da eficácia e segurança dos testes apresentados pelo fabricante. A decisão é ainda fruto da observação de sua aplicação em diversos países. A avaliação, feita com rigor técnico, conta com a aprovação da Câmara Técnica Assessora de Imunização do Ministério da Saúde e de sociedades médicas, como as de Infectologia, Pediatria e Imunizações.

Bolsonaro, em nova cruzada de estupidez, tratou de lançar dúvidas sobre a vacina para as crianças, vociferando opiniões infundadas e *fake news*. Mas, desta vez, ele foi além. Em cena explícita de assédio moral e abuso de autoridade, declarou que solicitaria o nome dos que atuaram no processo de autorização, postura intimatória e de constrangimento público a servidores da Anvisa no exercício de suas funções.

Tal ingerência é inadmissível e deve ser objeto de repulsa da sociedade. Constitui-se um abuso de responsabilidade, atitude repugnante e que coloca em risco a integridade física dos dirigentes e servidores públicos da Anvisa, que passaram a sofrer ameaças de milícias digitais.

A Anvisa tem independência administrativa, estabilidade de seus dirigentes durante o período de mandato e autonomia financeira previstas em lei. Seus servidores desempenham atividades essenciais. Em 22 anos de existência do órgão, nunca se viu tamanha ingerência na maior agência reguladora brasileira, responsável pela Coordenação do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS). Vigilância sanitária é uma política de Estado, exercida como função integrante e indissociável do SUS, com fundamentos legais previstos na Constituição Federal.

O objetivo principal da vigilância sanitária é proteger e promover a saúde da população, garantindo acesso, segurança e qualidade de produtos e serviços. Para isso, a Anvisa estabelece normas, propõe, acompanha e executa políticas, diretrizes e ações de vigilância sanitária. Entre os diversos bens e produtos submetidos ao controle e fiscalização estão os imunobiológicos e suas substâncias ativas, como é o caso das vacinas.

Mais de 618 mil vidas foram perdidas até aqui e parcela significativa delas poderia ter sido poupada se o governo federal fizesse a sua parte. É preciso garantir aos servidores da saúde, que lutam cotidianamente para salvar vidas, condições necessárias para que exerçam suas funções de forma estritamente técnica, com independência e imparcialidade, tomando as decisões necessárias, baseadas em princípios científicos e éticos.

É preciso conter a pulsão de morte que se expressa em cada gesto dessa criatura nefasta que habita, desde 2019, o Palácio do Planalto, e que se dedica a impor toda ordem de dificuldades para os que ousam se colocar em defesa da vida.

É hora de dar um basta à bestialidade. Triste Ano Velho que findou. Feliz Ano Novo para todos (ainda que seja para saudar 2023). •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

DESEJO À MAIORIA UM FELIZ 2023!